

Edition n° 335 | Série II, du 09 mai 2018
Hebdomadaire Franco-Portugais

GRATUIT

O jornal das Comunidades lusófonas de França, editado por CCIFP Editions,
da Câmara de Comércio e Indústria Franco Portuguesa



Pedro Santos

Militantes socialistas no estrangeiro
apresentam Moção em Congresso
para defender voto pela internet

03

Edition

F R A N C E



Banque BCP

Suivez-nous sur



LU SO JORNAL

03

CPLP.

O Embaixador de França em Portugal, Jean-Michel Casa, apresentou candidatura da França a Membro Observador da CPLP

04

Champigny.

O monumento português ao ex-Maire de Champigny foi vandalizado e roubaram uma das quatro mãos que suportam o monumento

06

Greve.

Os Trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos continuam em greve há cerca de três semanas e a tensão aumenta contra a Direção

15

Campeão.

Sérgio Conceição deixou o Nantes para levar a equipa do Futebol Clube do Porto à vitória no Campeonato de futebol da 1ª Divisão

Como viveram os Portugueses os acontecimentos de Maio/68?

50 anos depois, quatro “ativistas” contam como viveram esse mês

08



Salão do imobiliário e do turismo português em Paris

07

Entrevista com Carlos Vinhas Pereira, Presidente da CCIFP

CCIFP



ENEZ DÉCOUVRIR
NOS SOLUTIONS D'ASSURANCE
POUR ENTREPRISES

FIDELIDADE
ENTREPRISES

Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. - Siège : Largo do Calhariz, 30 1249-001 Lisboa - Portugal - NIPC e Matricula 500 918 880, CRC Lisboa - Capital Social 381.150.000 €
Succursale de France : 29, boulevard des Italiens - 75002 Paris - RCS Paris B 413 175 191 - Tél. 01 40 17 67 20 - Fax : 01 40 17 67 29 - www.fidelidade.fr - crédits photo : Fotolia

Pergunta dos leitores

Pergunta:

Caro Diretor,
[...] Leio o LusoJornal quase desde o início e adapto-me bem à versão digital que leio todos os dias no Metro, quando regresso a casa depois do trabalho. [...] Admiro porque vocês têm falado da greve dos trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos. Este banco é vosso cliente e vocês podiam não falar desta greve. [...] O meu irmão trabalha no banco e está de greve. Temos falado muito deste assunto. Sem vocês, muita gente nem sabia que eles estavam em greve, nem sabiam porquê. Parabéns. [...] E continuem sempre assim.
Carla Rodrigues
(Paris)

Resposta:

Cara leitora,
Obrigado por nos ter escrito e por ser uma fiel leitora. Isso aumenta ainda mais a nossa responsabilidade. Se a greve dos trabalhadores do banco público português em França não for notícia para nós, então o que seria a notícia? Nós sabemos distinguir a responsabilidade que temos para com os nossos compromissos comerciais e a que temos com os nossos leitores. Para com os nossos clientes, o nosso compromisso é o de fazer o melhor possível o nosso trabalho, para ter cada vez mais leitores. Quantos mais leitores tivermos, a mais longe chega a publicidade que os nossos clientes nos compram. Para tal, temos de fazer bem o nosso trabalho, respeitando sempre as regras deontológicas e ouvindo as duas partes. Quando uma das partes não fala, é difícil ouvir as duas partes, mesmo assim temos conseguido, graças à nossa colaboração com a agência Lusa, obter declarações da sede da CGD, em Lisboa. Quando o trabalho for bem feito, sem tomar partido, não há qualquer problema. Esperamos, contudo, que a greve possa cessar em breve. Seria sinal que as duas partes do conflito encontraram um acordo. Quanto aos outros pontos que levanta, já respondemos por mail. Boa leitura.

Carlos Pereira,
Diretor do LusoJornal

Envie as suas perguntas para:
contact@lusojournal.com



Opinião de Luís Fernandes, Militante da Secção PS de Paris

Portugal melhor! Um futuro sustentável...

A Secção PS de Paris reuniu-se no domingo 22 de abril para festejar o 25 de abril com alguns dias de antecedência e abordar o 22º Congresso Nacional que ocorrerá no 25, 26 e 27 de maio na Batalha.

Foi também a ocasião para o camarada Luís Fernandes apresentar aos militantes presentes as medidas tomadas pelo Governo de António Costa que tiveram repercussões positivas para a sociedade portuguesa sem deixar de contrapor com as do anterior Governo de Pedro Passos Coelho que tiveram incidências desastrosas para o país.

Portugal vem de obter os défices mais baixos da sua democracia nestes últimos anos contrariando as políticas de austeridade de um PSD que preconizava, de maneira autocrática como única saída da crise, o caminho da austeridade.

O PSD afirmava de forma categórica que a economia nacional não pode-

ria sustentar aumentos salariais, pois bem, passados 2 anos, a «geringonça» aumentou os ordenados ano após ano e no entanto a economia nunca se portou tão bem como se tem portado até agora.

O desemprego que foi o maior flagelo da governação de Direita e que abriu sequelas profundas ainda perceptíveis nos dias de hoje chegando a atingir os 17,3% no primeiro trimestre de 2013. As políticas ativas e estimulantes deste Governo permitiram reduzir drasticamente o desemprego para números que fariam cair de inveja muitos dos vizinhos europeus...

Muitos ainda se devem rememorar as declarações de um Primeiro-Ministro alvitando aos Portugueses de se exilarem e a partir daí assistiu-se à saída de quatro Portugueses em cada dez de forma contínua a partir de 2012 e 2013. Esse número, para espanto de alguns, tem vindo a decrescer de forma acelerada desde então...

O ensino superior bateu novos máximos com um substancial aumento de estudantes a ingressarem nas universidades e que só na primeira fase superou os 45.000 ou seja um aumento de 5% face ao ano anterior e desse modo foi demonstrado uma vez mais o contrário do que a Direita nos queria fazer acreditar...

Quanto à saúde, ultimamente alguns defensores da tão saudosa austeridade tem propalado a ideia que o SNS (Serviço Nacional de Saúde) é o parente pobre da governação das esquerdas... Nada é mais falso, e para espanto de muitos, o orçamento subiu de 700 milhões desde a última legislatura permitindo à maioria dos Portugueses de poderem beneficiar de um médico de família. Abertura de novos centros de saúde/USF plano trienal de reequilíbrio dos hospitais públicos, contratação de pessoal para os quadros (enfermeiros, médicos...), planos de modernização de hospitais (Évora, Sei-

xal, Sintra).

Maior investimento na coesão territorial (transportes descarbonizados, autocarros elétricos/gás) na área metropolitana de Lisboa e Porto, na ferrovia (renovação das linhas completando o Portugal logístico) maior investimento no ordenamento territorial (cadastro simplificado, forças de Bombeiros de primeira intervenção, formação de mais Sapadores/GIPS, a recente lei das bases de habitação...) Reforço do investimento nas relações exteriores, reforço da contratação de Adidos, abertura de novos mercados para novos produtos...

Mais justiça e melhor administração com o relançar do programa SIMPLEX, descentralização das competências, contratação de guardas prisionais restabelecimento de julgados da paz. Portanto, Senhor Primeiro Ministro, podemos e devemos crer num futuro sustentável feito de trabalho, de esperança e de confiança...



Opinião de Teresa Soares, Secretária Geral do sindicato dos professores SPCL

Lá se passou mais um...

Mais um 25 de Abril, claro. Muito festejado em Portugal, aqui e ali festejado nas Comunidades portuguesas, embora na verdade os Portugueses no estrangeiro não tenham fortes motivos para os citados festejos, pois, concretamente, os chamados «valores ou conquistas de Abril» correm cada vez mais o perigo de cair em esquecimento no estrangeiro.

O feriado do 25 de Abril é, tradicionalmente, usado pelos políticos, sejam eles o Presidente da República ou qualquer um Deputado, para invocar os direitos constitucionais, a democracia em geral, o direito à expressão individual e à opinião própria.

Muito lamentavelmente, em tudo o referente ao Ensino do Português no Estrangeiro (EPE), e aos seus professores, alunos e pais dos mesmos, esses direitos são, cada vez mais, letra morta.

Embora a Constituição da República Portuguesa, resultado direto da Revolução de Abril, preconize como dever do Estado os cursos de Língua e Cultura Portuguesas para os filhos dos trabalhadores portugueses no estrangeiro, a atual tutela, personificada no Ministério dos Negócios Estrangeiros e no Instituto Camões, continua muito pouco interessada nos lusodescendentes, aos quais persiste em extorquir a indecente «Propina» por um ensino muito falho de qualidade, para continuar a proporcionar aos alunos estrangeiros em França, Espanha e Alemanha um ensino gratuito, de qualidade aceitável e onde até a certificação, que deveria ser paga para os alunos isentos da tal «Propina», é, na verdade, também gratuita.



Segue-se o princípio de: «Para os estrangeiros, tudo. Para os Portugueses, nada!». Ou muito pouco, na melhor das hipóteses.

Esse procedimento é revoltante? Claro! É inconstitucional? Sem dúvida! Alguém se preocupa? Ninguém. Inclusive o Exmo Senhor Presidente da República Portuguesa, por inerência o mais alto Magistrado da Nação, que tem conhecimento destes desvarios mas nada faz para os modificar. E é pena. Afetos muitas vezes não chegam. São precisas ações. E ao EPE ainda não chegaram ações nenhuma. Positivas, claro, porque negativas já há e de sobra.

Entre as ações negativas é também de realçar o clima de terror criado entre os professores no estrangeiro pelos responsáveis das Coordenações de Ensino, que utilizam o processo de avaliação dos professores, do qual depende a renovação da comissão de serviço, para subjugar e aterrorizar os mesmos, estando implícito que quem

se atrever a reclamar ou protestar poderá ser «recompensado» com o desemprego.

Inclusive, há poucos dias, numa ação de formação que teve lugar na Alemanha, usou o Coordenador de Ensino a ordinária expressão «Quem não está bem muda-se» relativamente a fundadas questões postas por professores sobre o processo de certificação.

E assim ficou tudo dito. É simples: ou te calas ou vais para a rua.

As Coordenadoras e Coordenadores têm poderes supremos, o Instituto Camões mais supremos ainda, porque permite todos os abusos de poder e trata os professores como inferiores, manifestando, do alto da sua arrogância, total indiferença pelos problemas dos mesmos, permitindo até que os ditos professores sejam fortemente discriminados relativamente aos seus colegas em Portugal, tanto no respeitante aos concursos para as escolas em território nacional, como no respeitante às leis de proteção à mater-

nidade e à família que, dizem, não são para o EPE. Claro que são. Mas os professores discriminados não reclamam. Porquê? A explicação consta nas linhas anteriores.

Os professores vivem aterrados e coagidos, a bem da conservação dos seus postos de trabalho, a aceitem tudo, seguindo, infelizmente, os péssimos exemplos da tutela, ameaçando os pais de encerramento de cursos caso os mesmos não paguem atempadamente a odiosa Propina, ou recusando encomendar o manual para os alunos com a citada «em dívida».

Exatamente o mesmo princípio de há pouco. Para os professores é: «Se protestas, arriscas-te ao desemprego». Para os pais é: «Se não paga, o seu filho não tem livro».

O que se passa no EPE é uma vergonha para o nosso país? Certamente. Mas porque será que, por exemplo, o Sr. Presidente da República ou o Sr. Primeiro Ministro não intervêm? Desconhece-se a razão, mas é evidente que não o fazem. Porque se o fizessem já esta vergonha teria terminado. Estarão a proteger alguém? Não é impossível. Mas será esse tal «alguém» tão poderoso que justifique o acordo tácito para a degradação total de um sistema que até 2010 funcionou aceitavelmente e para o vergonhoso tratamento da maioria das crianças e jovens lusodescendentes?

Tantas perguntas, como sempre sem resposta.

Agora vem aí o 1º de Maio, Dia do Trabalhador. Outra vez a democracia. Outra vez os direitos dos trabalhadores. Que, no caso dos docentes do EPE, não são minimamente respeitados.

➔ Na qualidade de País Observador

A França apresentou oficialmente a sua candidatura à CPLP

A França apresentou oficialmente a sua candidatura à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), no passado dia 27 de abril.

O Embaixador de França em Portugal, Jean-Michel Casa, entregou à Secretária executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Maria do Carmo Silveira, uma carta do Ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean-Yves Le Drian, anunciando a candidatura da França para aceder ao estatuto de «Estado observador associado» à CPLP.

A carta do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Jean-Yves Le Drian, anunciando oficialmente a candidatura da França, assim como o plano geral de atividades e o plano de ação para a promoção do ensino do português em França, que servem de apoio a esta candidatura, foram entregues, em mãos, à Secretária executiva da CPLP, no dia 27 de abril em Lisboa, dando assim seguimento ao compromisso assumido pelo Ministro francês dos Negócios Estrangeiros, durante o Seminário diplomático dos Embaixadores portugueses, a 4 de janeiro último. Este encontro foi também uma ocasião para invocar diferentes assuntos de interesse comum que a França, a CPLP e a Organização Internacional da Francofonia (OIF) partilham.

A candidatura francesa é especialmente motivada pela presença de uma importante Comunidade portuguesa e lusodescendente em França, estimada em cerca de um milhão e meio de pessoas, a mais importante das Comunidades portuguesas do mundo fora de Portugal, mas também pela partilha da mais longa fronteira terrestre francesa com o Brasil (região da Guiana francesa) ou ainda pela importância das relações da França com



os países africanos membros da CPLP, como por exemplo em matéria de formação e ajuda ao desenvolvimento como em Angola ou em Moçambique, ou de segurança regional especialmente no Golfo da Guiné. Segundo uma nota da Embaixada de França em Portugal, esta candidatura foi recebida com entusiasmo pela Secretária executiva da CPLP que agradeceu o interesse da França pela lusofonia e pelo mundo lusófono. Além da candidatura francesa à CPLP, este encontro foi para o Embaixador uma ocasião para abordar o projecto de adesão de Portugal à Organização Internacional da Francofonia, que contribuirá seguramente para o reforço dos laços entre a francofonia e a lusofonia.

A este respeito, a Secretária executiva

Maria do Carmo Silveira e o Embaixador Jean-Michel Casa concordaram que «a cooperação entre estas duas organizações deve ser reforçada, tendo em conta, que numerosos países membros da CPLP, são também membros da OIF como Cabo Verde, a Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe ou a Guiné Equatorial e que as possibilidades de cooperação são muito variadas, como por exemplo nos domínios da luta contra as alterações climáticas ou a cooperação económica. A OIF e a CPLP partilham igualmente mesmo objetivo de promoção do multilinguismo e da diversidade cultural no mundo».

As próximas etapas do processo de adesão da França enquanto Estado observador conduzirão a uma análise da candidatura pelas diferentes ins-

tâncias da CPLP antes de uma recomendação formal, que a França espera seja favorável a esta adesão, durante a Conferência dos Chefes de Estado e do Governo da CPLP - onde será tomada uma decisão por unanimidade -, a ter lugar na Ilha do Sal em Cabo Verde, nos dias 17 e 18 de julho próximos, e na qual a França poderá ser convidada a participar.

Rebello de Sousa acolhe «de abraços abertos»

O Presidente da República, Marcelo Rebello de Sousa reagiu à candidatura francesa afirmando que Portugal a acolhe de braços abertos e conside-

rando que esta comunidade está a ganhar peso no mundo.

«Aumentou o peso político da CPLP no mundo. Países europeus, países latino-americanos, países asiáticos, países africanos. Essa expectativa, que já existia, a concretizar-se por parte da França é muito, muito importante, e nós acolhemo-la, naturalmente, de braços abertos», declarou Marcelo Rebello de Sousa.

A Secretária Executiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), Maria do Carmo Silveira, considerou que a adesão de França e outros Estados ao estatuto de países Observadores Associados da CPLP é «um contributo valioso» para organização.

«O envolvimento desses países na nossa organização será um contributo valioso e poderá reforçar as relações que existem já entre os nossos países e esses Estados e abre a possibilidade de aprofundar a cooperação em várias outras áreas», destacou a responsável da CPLP, à margem da sessão de abertura das comemorações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura.

Maria do Carmo Silveira sublinhou ainda que «este interesse revela a visibilidade crescente que a CPLP tem vindo a conquistar» e dá maior visibilidade à língua portuguesa.

Itália e o principado de Andorra formalizaram igualmente as suas propostas de adesão à CPLP em janeiro. Atualmente, dez países têm o estatuto de Observador Associado da CPLP: Geórgia, Hungria, Japão, República Checa, Eslováquia, ilhas Maurícias, Namíbia, Senegal, Turquia e Uruguai. Integram a CPLP Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Socialistas vão apresentar Moção em Congresso defendendo o voto através da internet

Um grupo de militantes socialistas querem que o Partido avance com proposta para permitir votar através da Internet.

Com a apresentação de uma moção sectorial ao próximo Congresso do Partido Socialista, que decorre na Batalha, nos próximos dias 25, 26 e 27 de maio, este grupo de militantes socialistas pretende que o Partido avance com uma proposta de alteração da lei eleitoral que permita a todos os Portugueses votar através da Internet.

A moção sectorial justifica esta proposta com o facto de os números da abstenção continuarem a subir, com os recentes avanços tecnológicos e com a necessidade de modernizar o processo de votação. O primeiro subscritor do texto, Pedro Santos, afirma que esta é uma forma de tratar «todos os eleitores de uma forma igualitária» e que permite «acompanhar a evolução dos hábitos da nossa sociedade». Pedro Santos, que é o Secretário-Coordenador da Secção de Bruxelas do Partido Socialista, lembra que esta solução irá beneficiar todos os eleitores portugueses, mas que é especial-

mente importante para os residentes nas Comunidades portuguesas no estrangeiro onde o ato de votar é quase sempre mais difícil. Tal como está escrito na Moção, «os eleitores recenseados no estrangeiro têm muitas vezes de viajar centenas de quilómetros para poder votar, com despesas muito superiores às dos votantes em Portugal». A moção, que é subscrita por vários militantes de diferentes Secções do Partido Socialista em Portugal e no estrangeiro, lembra que desde a primeira eleição para a Assembleia Constituinte em 1975 e as últimas eleições legislativas, em 2015, a abstenção cresceu mais de 500% e que este é o momento de tentar inverter esta tendência. «Hoje em dia os Portugueses já usam a Internet para tratar de quase todos os seus assuntos e interesses fiscais, 365 dias por ano, no site das finanças. Se durante um dia, de 4 em 4 anos, lhes fosse permitido utilizar a Internet para eleger os seus representantes, iriam com certeza fazê-lo, não só de forma mais ágil como acima de tudo em maior número».

«Este é um assunto importante, espe-



cialmente para as Comunidades portuguesas no estrangeiro, pois os números da abstenção continuam a aumentar e com as últimas notícias, relativas ao recenseamento automático através das atualizações do Cartão de Cidadão, podem tornar-se ainda piores» explicou Pedro Santos ao LusoJornal.

A proposta é muito clara: «O Partido

Socialista deve, o mais rapidamente possível, apresentar uma proposta de alteração da Lei Eleitoral, que permita ao Governo preparar a implementação de um sistema de voto via Internet» e acrescenta que «o Partido Socialista deve pugnar para que esta possibilidade esteja disponível já nas próximas eleições legislativas, em 2019, pelo menos no círculo eleitoral das Comu-

nidades portuguesas no estrangeiro, tendo em conta que estes são os eleitores mais prejudicados pelo sistema actual».

Para os subscritores «este sistema de votação deve ser tendencialmente integrado em todas as votações da República Portuguesa, procurando modernizar um processo que corresponda às necessidades de todos os eleitores de forma igualitária e acompanhar a evolução dos hábitos da nossa sociedade».

Embora Pedro Santos seja Secretário-Coordenador da Secção de Bruxelas do Partido Socialista, explicou ao LusoJornal que «esta Moção, embora seja subscrita por alguns camaradas da Secção de Bruxelas do Partido Socialista, é apresentada apenas em nome dos seus subscritores».

Os subscritores são Pedro Daniel Palma dos Santos, Tomé Andrade de Sousa, Rui Lage, Francisco Xavier Calçada, Teresa Pereira, Pedro Rupio, Joana Benzinho Santos, Bernardo Aguiar, João Ramalheite Carvalho, Afonso Abreu, Jorge Carvalho e José Alberto Alves.

Academia do Bacalhau de Rouen entregou apoios aos Bombeiros de Coimbrões, Valadares e Aguda



Por Carlos Pereira

O ex-Presidente da Academia do Bacalhau de Rouen, Joaquim Monteiro (na foto) deslocou-se no dia 20 de abril, a Portugal e participou, na Quinta da Boucinha, em Vila Nova de Gaia, num jantar de gala para entrega de um donativo da Academia do Bacalhau de Rouen aos Bombeiros Voluntários de Coimbrões, Valadares e Aguda.

Aquela Academia do Bacalhau é agora presidida por Maria Helena Oliveira, mas como as ações de recolha de fundos para estas corporações de bombeiros foram realizadas durante o mandato de Joaquim Monteiro, foi o ex-Presidente que se deslocou para a entrega do donativo.

A Academia do Bacalhau do Porto também se associou a esta operação e recolheu 2 mil euros para os Bombeiros dos Carvalhos, «uma quantia idêntica às ajudas feitas pela Academia de Rouen às outras corporações» explicou Joaquim Monteiro ao LusoJornal.

O «Compadre» de Rouen afirma que o jantar foi transformado «numa linda festa de amizade entre todos os Presidentes e Comandantes de Corporações, com Comadres, Compadres e Amigos de Rouen e do Porto».

O jantar foi animado pelos artistas César Freitas e Mafalda.

Depois deste evento, Joaquim Monteiro passou definitivamente a Presidência da Academia do Bacalhau de Rouen para Maria Helena Oliveira, Presidente, e para José Stuart, Vice-Presidente. «Fico descansado, pois a Comadre Maria Helena e o Compadre José Stuart estão desde a fundação desta Academia do Bacalhau de Rouen, estando assim a nossa Academia em muitas boas mãos» disse ao LusoJornal.

Depois deste último ato, Joaquim Monteiro agradeceu a todos os «membros da Direção que durante 7 anos contribuíram para que esta nossa Academia de Rouen ajudasse os mais necessitados, realizando assim lindas e memoráveis ações, tanto em Portugal como em França». Depois citou uma frase «de um Compadre e amigo do Porto»: «Uma vida a ajudar, é uma vida que vale a pena viver».

➔ Historiador Victor Pereira prepara novo livro

História da Emigração em França destaca envio de trabalhadores e xenofobia

Os emigrantes portugueses em França foram alvo de xenofobia durante os anos 1930 sendo que milhares foram despedidos dos locais de trabalho, expulsos e impedidos de regressar, disse à Lusa o historiador Victor Pereira.

«Temos aquela ideia dos Portugueses integrados na sociedade francesa. Mas os Portugueses foram das principais vítimas da xenofobia dos anos 1930, tal como os Polacos, Espanhóis ou Italianos. Nessa época, devido à crise não havia trabalho, muitos foram expulsos e muitos não conseguiam papéis e não puderam voltar a território francês», disse à Lusa Victor Pereira.

O investigador da Universidade de Pau et des Pays de l'Adour, em França, autor do livro «A Ditadura de Salazar e a Emigração» está a preparar um novo livro sobre a História da emigração portuguesa em França.

A nova investigação que começa na Primeira Guerra Mundial e que se prolonga até à atualidade deve estar concluída no final de 2018 e vai ser publicada em França.

O novo livro é «uma tentativa de síntese» sobre a emigração portuguesa em França, da Primeira Guerra Mundial até aos nossos dias e que realça as consequências do Acordo de Trabalho firmado entre Lisboa e Paris no mesmo ano em que os militares portugueses são enviados para território francês. «Eu começo em 1916. Pensa-se muito nos 50 mil soldados portugueses que foram combater em França, mas em 1916 quando Portu-



Historiador Victor Pereira

📷 LusoJornal / Carlos Pereira

gal começou a desenvolver esforços para entrar no conflito os Franceses pediram mão-de-obra», recorda o historiador.

No conjunto das negociações sobre a entrada de Portugal no conflito Lisboa aceitou um Acordo de Mão-de-Obra, «a contragosto», e o envio de entre 15 a 20 mil operários com contratos de seis meses, sobretudo para fábricas. «Consegui encontrar cartas, fotografias desse período que foi o início da emigração portuguesa em França. Os Portugueses nessa altura iam para o Brasil ou para a Venezuela. A França não era vista como um país de emigração», afirma o historiador.

O investigador destaca também que nos anos 1920 mais de 75 mil Portugueses vieram para França - a maior parte homens oriundos do norte de Portugal - e que encontram emprego na construção civil em cidades como Reims, destruída durante a Grande Guerra, e em Paris.

«Estou a dedicar-me muito aos dados de 1920 e 1930 porque há ainda pouca investigação sobre esse período em que os Portugueses se começam a fixar nos bairros de lata, na periferia de Paris», explica o historiador que está a consultar novas fontes nos dois países assim como tenta recolher fotografias da época e a registar memórias na pri-

meira pessoa. «Eu tenho, por exemplo, depoimentos de uma lusodescendente de 88 anos, filha de um desses trabalhadores portugueses que emigraram para França nesse período», refere.

Segundo o historiador, em 1931 havia 49 mil Portugueses em França, mas em 1936 o número desce para 28 mil devido à crise e ao desemprego e às consequências da xenofobia contra os trabalhadores estrangeiros. «Quando chega a crise, a Administração francesa não distingue os Portugueses e muitos deles não conseguem ficar em França por falta de trabalho», frisa.

Entre outros aspetos, a nova investigação de Victor Pereira investiga também a presença de Portugueses pelo Campo de concentração de Gurs, em 1941 e 1942, perto da cidade de Pau.

O campo tinha sido instalado para «acolher» parte de membros das Brigadas Internacionais que apoiaram os Republicanos durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939) e que se refugiaram em França após a vitória das forças franquistas.

O historiador consultou para o efeito muitas das cartas que os prisioneiros portugueses enviavam para Portugal, mas que eram apreendidas pela polícia política do Estado Novo (PVDE).

«Pelo Campo de Gurs passaram mais de 300 Portugueses. Durante a ocupação nazi muitos Judeus estiveram no mesmo Campo incluindo a filósofa alemã Hannah Arendt», indica o historiador.

Monumento português de Champigny foi vandalizado

Por Carlos Pereira

O monumento ao antigo Senador-Maire de Champigny-sur-Marne, Louis Talamoni, inaugurado com pompa e circunstância no dia 11 de junho de 2016 pelo Presidente da República Portuguesa Marcelo Rebelo de Sousa e pelo Primeiro Ministro António Costa, foi vandalizado e roubaram uma das mãos que suportam os livros da obra realizada pelo escultor Louis Molinari. «Estamos indignados» diz Valdemar Francisco, Presidente da associação «Les Amis du Plateau», que decidiu erguer este monumento em Champigny, perto do sítio onde esteve o maior «bidonville» da Europa, nos anos 60, e onde aliás viveu Valdemar Francisco e milhares de outros Portugueses.

O monumento presta homenagem ao antigo Maire de Champigny, por ter ajudado a Comunidade portuguesa que residia no «bidonville», mas também presta homenagem à Comunidade portuguesa que ali viveu.

«Para que servirão as mãos que foram vandalizadas e roubadas?» pergunta Valdemar Francisco. «Digam-nos onde estão as mãos para nós passarmos recuperá-las. Fariam uma boa ação».

Não muito longe daquele monumento, já o então Embaixador de Portugal em França, António Monteiro, tinha inaugurado um outro monumento de homenagem aos Portugue-



ses que emigraram para França. O monumento foi criado pelo escultor Rui Chafes e poucos dias depois de ter sido inaugurado, também foi vandalizado e teve de ser reparado.

Na altura as autoridades municipais ainda alegaram que o monumento era «frágil» e caiu com o vento, mas na Comunidade portuguesa os comentários de que teria sido vandalizado foram unânimes.

Les Amis du Plateau apresentam queixa

A associação Les Amis du Plateau apresentou uma queixa na Polícia de Champigny-sur-Marne (94), pelo roubo de uma mão do monumento que os Portugueses construíram em homenagem ao ex-autarca francês.

Uma das quatro mãos de 30 quilos que rodeia a escultura central foi roubada na noite de sábado, depois de uma primeira tentativa de furto «há 12 dias», disse à Lusa Valdemar Francisco, Presidente da associação Les Amis du Plateau.

«Há 12 dias já tinham arrancado uma mão mas não tiveram tempo de a levar porque passou lá alguém. Agora estamos a repará-la. De sábado para domingo arrancaram outra mão e desta vez levaram-na. Estamos indignados e dececionados porque aquela mão tem um valor para nós, é um valor simbólico», afirmou Valdemar Francisco.

O dirigente associativo e empresário considerou que se deve tratar «de um simples roubo e não de um ato de racismo ou xenofobia contra os Portugueses», porque houve outros furtos naquele parque e disse que vão ser colocados dentro das mãos dispositivos de geolocalização no caso de haver novo roubo.

Valdemar Francisco acrescentou que o monumento deverá estar reconstituído até 10 de junho, «dia de Portugal em que a associação vai fazer a Festa das crianças e a Festa da sardinha».

À sua volta, há oito colunas feitas com tijolos que foram autografados por emigrantes, pelo Presidente da República, pelo Primeiro Ministro, pelo cantor Pedro Abrunhosa, entre várias outras personalidades.

➔ **Vendredi dernier**

La Journée de Langue Portugaise et de la CPLP fêlée à l'Ambassade du Brésil à Paris

Par Dominique Stoenesco

La Journée de la Langue Portugaise et de la Communauté des Pays de Langue Portugaise (CPLP) a été fêlée vendredi dernier, le 4 mai, à l'Ambassade du Brésil à Paris, en présence notamment de Pedro Saldanha, Ministre conseiller de l'Ambassade du Brésil, Hércules do Nascimento Cruz, Ambassadeur du Cap Vert en France et Jorge Torres Pereira, Ambassadeur du Portugal en France, ainsi que des Attachés culturels et linguistiques des pays de la CPLP. Parmi les invités figuraient principalement des responsables institutionnels ou associatifs liés au monde culturel lusophone.

Prenant la parole, Jorge Torres Pereira, Ambassadeur du Portugal, a souligné l'importance de la langue portugaise dans le monde et les atouts qu'elle représente pour la lusophonie, dans plusieurs domaines, comme l'économie, la politique ou la culture. Par ailleurs, il a également insisté sur la nécessité de continuer à développer l'enseignement du portugais à l'étranger. En guise de transition avec la deuxième partie de cette Journée, l'Ambassadeur du Portugal a cité l'exemple, dans le domaine musical, de «l'extraordinaire capacité



LusoJornal / Dominique Stoenesco

de synthèse entre la musique européenne et africaine que l'espace culturel de langue portugaise permet de réaliser».

Un très bel interlude musical a eu lieu au cours de cette Journée de la Langue Portugaise. Tout d'abord avec la participation du groupe «Cantadores de Paris», qui a permis à l'assistance d'entendre des chants traditionnels de la province de l'Alentejo. Puis ce fut le tour du chanteur et compositeur angolais Lulendo, avec son inséparable quissanje (instrument à lamelles métalliques) et, enfin, le duo brésilien Luiz de Aquino (guitare) et Véronique Le Berre (voix) qui, à travers une fusion musicale parfaite, nous a offert quelques morceaux célèbres inspirés de Villalobos, Chiquinho Gonzaga et autres mélodies populaires brésiliennes.

Rappelons que la Communauté des Pays de Langue Portugaise (CPLP) a été créée en juillet 1996, qu'elle intègre les pays suivants: l'Angola, le Brésil, le Cap Vert, la Guinée Bissau, la Guinée Equatoriale, le Mozambique, le Portugal, São Tomé et Príncipe et le Timor-Est, et que la France vient tout récemment de solliciter son adhésion à cet organisme comme membre observateur.

Embaixada do Brasil acolheu o II Encontro de Professores Lusófonos em França

Teve lugar na semana passada, na Embaixada do Brasil em Paris, o II Encontro de Professores de Língua, Literaturas e Culturas Lusófonas em França, juntando professores e pesquisadores lusófonos que lecionam em universidades públicas francesas.

A experiência portuguesa

Na conferência de abertura, a Coordenadora para o ensino do português em França na Embaixada de Portugal, Adelaide Cristóvão, fez um resumo sobre «o que faz Portugal para apoiar o ensino do português em França». Indicou que o ensino da língua é apoiado pelo Estado português em 15 universidades francesas.

Adelaide Cristóvão explicou que, ao nível do primeiro ciclo até ao ensino secundário, há 25 Secções internacionais portuguesas nas escolas francesas e que também há professores contratados pelo Estado português no âmbito dos cursos de Ensino de língua viva estrangeira (ELVE) e de Ensino interna-

cional de línguas estrangeiras (EILE), ao nível do primeiro ciclo.

A responsável lamentou que o Estado francês abra «pouquíssimas vagas» para docentes de português nos concursos de professores, um problema que «parte muitas vezes dos estabelecimentos de ensino» que se orientam, também pelo que «as famílias pedem» porque «não há muitas a pedir português» a não ser as que são de origem portuguesa. «Esta nossa tentativa que o português seja encarado como uma língua internacional, seja visto como aquilo que é, que é uma língua internacional, com um peso cultural importante, com um peso económico importante, ainda há passos a dar na própria mentalidade francesa porque, depois, as opções são feitas pelos pais», acrescentou.

Cartografia dos estudos luso-brasileiros

Daniel Rodrigues, Diretor do Departamento de estudos portugueses e brasileiros da Universidade Clermont Auvergne, quer criar uma cartografia dos estudos luso-brasileiros nas Universidades em França, uma rede 'online' que possa ser consultada «por todos», desde estudantes, a investigadores, professores e empresários. «É um banco de dados onde você poderá procurar que instituições ensinam português, como ensinam português, se ensinam outras matérias ligadas ao mundo lusófono. Essa é a primeira parte. Depois, qual a equipa, como é formada», explicou à Lusa Daniel Rodrigues.

O docente universitário explicou que «a necessidade de uma cartografia» foi constatada na primeira edição do Encontro de Professores de Língua, Literaturas e Culturas Lusófonas em França, há um ano, quando não se conseguiu um número exato de professores universitários de estudos luso-brasileiros em França. «Nós não temos uma ideia precisa desse número. Nós pensamos que sejamos em torno de 200, 250 professores no ensino universitário francês a trabalhar

de alguma maneira com estudos relacionados com o mundo lusófono», afirmou.

O projeto, que deverá estar pronto «no final de 2018» e ficar disponível no portal online da Cooperação Educacional Franco-Brasileira [educ-br.fr] «no começo de 2019», está a ser apoiado pela Embaixada do Brasil e Daniel Rodrigues gostaria de contar com o apoio de outras Embaixadas, incluindo a portuguesa.

Adelaide Cristóvão, Coordenadora do Ensino de Português em França, disse à Lusa que «há imenso interesse» no projeto e que gostaria de ver a cartografia disponível também na página da internet da Coordenação do Ensino. «Há imenso interesse. Nós somos contactados muitas vezes por alunos, alguns dos alunos que seguem o ensino de português, e é sempre difícil encontrar onde é que eles podem procurar, a continuidade que eles pretendem. É extremamente importante uma cartografia dos cursos, dos perfis de professores para aqueles que estão a estudar e pretendem fazer mestrado», afirmou.

Deputados do PSD querem saber quantos funcionários serão contratados para Consulados

Os Deputados do PSD eleitos pelos círculos da emigração perguntaram na semana passada ao Ministro das Finanças quantos funcionários prevê contratar este ano para os Consulados portugueses, que afirmam estar numa «difícil situação».

Os Deputados Carlos Gonçalves (círculo da Europa) e José Cesário e Carlos Páscoa (fora da Europa) afirmam que «a generalidade dos Postos consulares tem hoje dificuldades que se agravam de mês para mês, com equipamentos essenciais para o seu funcionamento avariados há imenso tempo, com carências crescentes de pessoal, sem chefias intermédias e, em vários casos, sem capacidade para concretizar o indispensável plano de permanências consulares». O PSD refere que, nos últimos dois anos, a rede externa sofreu «uma redução real de mais de 200 colaboradores», gerando «o gritante aumento das dificuldades de atendimento». Esta situação «penaliza fortemente as Comunidades portuguesas no estrangeiro, que em certos países são obrigadas a esperar largos meses pelo simples atendimento para atos administrativos simples», enquanto os estrangeiros que pretendem visitar Portugal «muitas vezes veem-se impedidos de obter os respetivos vistos em tempo útil, com graves implicações para a economia» nacional. No requerimento, pedem ao Ministro Mário Centeno, enquanto «responsável pela gestão orçamental de todo o Governo, incluindo o Ministério dos Negócios Estrangeiros, e pela política de administração dos recursos humanos da rede diplomática e consular», que informe sobre quantos funcionários técnicos e administrativos serão recrutados este ano e em que postos serão colocados.

«Quando ocorrerão os sucessivamente anunciados concursos para Chefes de Chancelaria para os postos que neste momento não possuem chefias intermédias?», perguntam ainda os Deputados social-democratas.

Por fim, o PSD quer saber quantos novos funcionários foram admitidos desde 2016 para os serviços externos do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

• PUB

PORTUGUESES
RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

A sua casa é onde está o seu coração.

Connosco sente-se em casa



Conheça as nossas **Soluções de Crédito Habitação** para si.

Paris:
28, RUE 4 SEPTEMBRE
75002 PARIS
Telephone: 0 33 140 06 04 88
e-mail: erparis@santandertotta.pt

Lyon:
32, AV. JEAN JAURÉS
69007 LYON
Telephone: 0 33 478 92 42 50
e-mail: erlyon@santandertotta.pt

Santander Totta

➔ Greve entra na terceira semana

Grevistas proibidos de entrar na CGD fizeram Assembleia Geral na rua

Na quinta-feira da semana passada, no 17º dia de greve, a intersindical FO-CFTC dos trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos França acusaram a Direção Geral da Sucursal de não os ter deixado entrar nas instalações daquela instituição bancária, na rue de Provence, em Paris, e dizem que tiveram de fazer a Assembleia Geral de Trabalhadores na rua.

«A CGD França ainda não abriu negociações com os representantes dos trabalhadores em greve e envereda pela via da intimidação colocando seguranças e oficiais de justiça à entrada e nos recintos da instituição, numa nítida tentativa de criminalização dos trabalhadores» diz um comunicado da Intersindical. «Hoje a Direção Geral da Sucursal deu um novo passo no sentido da intimidação dos trabalhadores grevistas proibindo-lhes o acesso à instituição e aos locais da Comissão de Trabalhadores, em completa violação da lei francesa. Sob pretexto de assegurar a segurança, o que os dirigentes da CGD França pretendem, é intimidar os trabalhadores grevistas, impedindo-os de se reunirem em Assembleia Geral».

A intersindical FO-CFTC representativa dos trabalhadores em greve, considera «provocatória» a atitude da Direção da Sucursal francesa e informou que «vai apresentar queixa por delito de entrave ao livre acesso dos



trabalhadores grevistas aos locais da Comissão de Trabalhadores, junto do posto de polícia e da Procuradoria geral da República».

O tom tem subido e a Intersindical FO-CFTC tem sido mais crítica da Direção da Sucursal da CGD em França. Considera que «ao fim de seis anos de desgoverno da Sucursal, a sabotagem da instituição em França continua, como o comprova sobejamente o facto de, ao fim do 17º dia de greve, os di-

rigentes da CGD (de Lisboa como de Paris), continuarem a não abrir reuniões de negociação com a instância de negociação legitimada pela Assembleia Geral de Trabalhadores, continuando a organizar simulacros de reuniões».

No comunicado enviado às redações, a Intersindical FO-CFTC diz que fez a Assembleia Geral de Trabalhadores na rua, em frente ao prédio da instituição, e que votou «por unanimidade»

a recondução da greve. Diz também que «na ausência da abertura imediata de negociações, não terá outra alternativa senão dirigir-se ao Governo português».

CGD explica que quer assegurar «direito ao trabalho»

Até agora não foi possível ao LusoJornal, entrar em contacto com Rui Soares, o Diretor Geral da Sucursal de França da CGD. Mas a CGD em Lisboa explicou ter proibido a realização de Assembleias Gerais dos Trabalhadores nas instalações do banco que estão em greve na sucursal de França, mas garante que «o direito à manifestação está a ser respeitado».

Numa nota escrita enviada à Lusa, fonte oficial da Caixa Geral de Depósitos (CGD) afirmou que «a Intersindical [que integra os sindicatos Force Ouvrière (FO) e CFTC, apoiantes da greve na sucursal francesa da Caixa] tem tido, desde o início, uma postura perturbadora das negociações, organizando Assembleias Gerais diárias nas instalações do banco com sistemas de som que dificultam o trabalho dos colaboradores que não estão em greve».

Neste contexto, o banco deliberou proibir a realização destas reuniões dentro das instalações da instituição. «O direito à manifestação está a ser respeitado, mas o direito ao trabalho por parte de quem não aderiu a esta greve, que são cerca de dois terços dos colaboradores, fica deste modo garantido», sustentou.

A intersindical FO-CFTC denunciou a proibição do acesso dos grevistas à sede do banco e aos locais da Comissão de Trabalhadores, em Paris.

Natixis francês tem Centro tecnológico com 350 colaboradores no Porto

O banco de investimento francês Natixis vai instalar no Porto o seu Centro tecnológico. O anúncio foi feito pela responsável do Natixis em Portugal, Nathalie Risacher, durante um almoço/debate organizado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa (CCILF) em parceria com a Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), intitulado «Le Portugal, 'hub' des Centres de compétences: le cas de Natixis».

Portugal foi escolhido pela proximidade geográfica e cultural com França, pelos custos financeiros, pela qualificação e cultura internacional dos trabalhadores e pelo «ecossistema empresarial» do país, com um elevado número de 'startups' em fase de desenvolvimento. Na corrida estavam também a Roménia e a Espanha. Mas Portugal foi o país escolhido.

Inaugurado formalmente no passado dia 07 de março, numa cerimónia

onde participaram o Presidente do Conselho de Administração da empresa Laurent Mignon, e o Primeiro Ministro português António Costa, o Centro tecnológico do Natixis no Porto está em operação há já cerca de um ano e emprega atualmente quase 350 colaboradores, sendo o objetivo atingir os 700 no fim do próximo ano.

O Natixis é a divisão internacional de banca empresarial e de investimento, gestão de ativos, seguros e serviços fi-

nanceiros do Groupe BPCE - Banque Populaire & Caisse d'Epargne, atualmente o segundo maior grupo bancário em França, com presença em 38 países.

O Governo português decidiu aprovar a concessão de incentivos financeiros ao Natixis para instalação do Centro tecnológico do Porto, com um investimento de 23,5 milhões de euros, prevendo-se que em 2026 o valor acumulado (desde 01 de janeiro de 2017)

de vendas e prestação de serviços e o valor acrescentado bruto do projeto atinja cerca de 317,1 e 240,7 milhões de euros, respetivamente.

Apresentada como um «Centro de excelência em IT», a unidade do Porto fornece «soluções inovadoras de suporte às operações do Natixis em todo o mundo», apoiando quatro unidades principais: banca empresarial e de investimento, banca de retalho, infraestrutura e segurança e funções de apoio.

• PUB

PORTUGAL

A DAR VOZ AO NOSSO CORAÇÃO

COM TODA A CONFIANÇA TRANSFIRA AS SUAS POUPANÇAS

No Santander Totta sabemos que para si Portugal está sempre presente. Por isso colocamos à sua disposição as nossas soluções de poupança com transferências internacionais cómodas e seguras - para que as suas poupanças possam seguir o seu coração.

Santander Totta

Informe-se em santandertotta.pt

➔ Carlos Vinhas Pereira, Presidente da CCIFP

O Salão do imobiliário já ajudou a vender mais de dois mil milhões de euros de bens imobiliários

Por Carlos Pereira

A sétima edição do Salão do imobiliário e do turismo português em Paris vai ter lugar nos dias 18, 19 e 20 de maio, no Hall 5 do Parque de Exposições de Paris Porte de Versailles. O evento é organizado pela Câmara de comércio e indústria franco-portuguesa (CCIFP), presidida por Carlos Vinhas Pereira, que acedeu responder às perguntas do LusoJornal.

Quais são as novidades para a edição do Salão deste ano?

Pela primeira vez vamos fazer uma conferência institucional, logo na abertura do Salão, para interessar os institucionais franceses pelo investimento imobiliário e turístico em Portugal. Habitualmente, o Salão estava mais dirigido para os investidores particulares, mas este ano estamos a dar-lhe uma tendência institucional.

Que tendências se destacam atualmente no mercado imobiliário português?

Portugal, neste momento, continua a ter uma progressão de 3% de transações imobiliárias, e os Franceses têm uma grande parte - pelo menos 20% - dessas transações. E nós temos constatado que há uma carência de imobiliário novo, de construção. Há uma grande oferta de reabilitação, mas o que falta são os programas de imobiliário novo.

A Silver economia continua de atualidade?

Sim, claro. Constatamos que os reformados continuam a querer investir em Portugal e estão a criar associações lá. Estou a pensar numa grande associação no Algarve, com mais de mil associados e estas associações falam nas redes sociais e incentivam os amigos que ficaram em França e que ainda não tinham idade de se reformar, mas que hoje querem investir, apostando em construções novas.

Esses procuram tranquilidade...

Também há uma grande tendência na construção verde, que respeite o ambiente. Está muito na moda. Estamos



Carlos Vinhas Pereira, Presidente da CCIFP

cada vez mais a observar a construção de casas novas, que respeitem as preocupações ambientais. E os Portugueses têm muita sensibilidade nesta área. Constatamos por exemplo que há cada vez mais Franceses que querem comprar casas de madeira, em sítios não forçosamente perto da praia ou das grandes cidades, mas em localidades do interior, em meio rural que está a atrair cada vez mais Franceses.

Também se nota a compra de residências secundárias em Portugal?

Cada vez há mais Franceses, que em vez de investirem numa residência secundária em Bordeaux, Toulouse ou Montpellier, investem em Portugal, porque os preços estão abordáveis, num país onde começa a haver um mercado do arrendamento, que não havia antes, e onde o RnB desenvolveu-se muito. Há pessoas que compram casas em Portugal e financiam o crédito da compra com o alugar no RnB. Todos sabemos que há falta de

hotéis em Portugal e esse é também um dos assuntos que queremos pôr em destaque, mas enquanto não forem construídos estes hotéis, estas empresas do tipo RnB têm dias felizes pela frente.

Mas, o mercado português não começa a ficar saturado?

Não. O mercado português continua muito ativo. Todas as semanas há artigos, há compras, agora há cada vez mais ofertas públicas,... e há um profissionalismo que antigamente estava mais reservado aos setores dos reformados e das residências secundárias, ou até para atrair artistas com valor acrescentado, mas atualmente estamos a constatar cada vez mais profissionalismo na área do imobiliário em geral e do turismo. A única coisa que falta é mesmo uma oferta ligada à construção nova. Aliás, o facto de haver pouca oferta, pode fazer aumentar os preços, o que pode ser negativo em termos de evolução futura deste mercado. Mas estamos a cons-

tatar que cada vez há mais promotores imobiliários franceses ou franco-portugueses que querem investir em Portugal, e estamos a chamar a atenção para esta falta de oferta. Temos estado a convidar profissionais para construirmos em Portugal, no Algarve, no Porto, em Lisboa, mas também nas grandes cidades do interior de Portugal que estão a atrair cada vez mais Franceses, pelo preço, pela tranquilidade, mas também pela qualidade de vida. Não estou pois preocupado com a continuação deste mercado.

O turismo em Lisboa cresceu muito. Tem havido sinais de especulação imobiliária e o turismo está a esvaziar a cidade em termos de habitantes. Isto pode ser negativo?

Podia ser negativo se nada acontecesse. É necessário novas infraestruturas turísticas e devíamos favorecer o desenvolvimento de novas unidades hoteleiras na periferia de Lisboa, para não acontecer o que está a dizer no centro da cidade. Há certos sítios

onde há especulação. No Chiado, por exemplo, na baixa, na avenida da Liberdade, onde se atingem preços quase como em Paris, mas isso já sabíamos que ia acontecer, porque são os melhores sítios. Mas o que devemos fazer é construir hotéis fora da cidade, na periferia, para evitar que os apartamentos do centro sirvam apenas para turismo e para evitar que Lisboa seja em grande parte invadida pelos turistas. Temos todos, o Governo, nós também, de incentivar investimentos nos arredores de Lisboa, com preços razoáveis, para haver arbitragem entre os quartos de hotel nos centros da cidade e nos hotéis nos arredores.

O salão assume-se como um elemento importante no desenvolvimento de turistas e compra de imobiliário pelos Franceses?

Diria mesmo que foi a Câmara de Comércio que lançou esta tendência, em 2012. Até ali nada era feito para salvar o setor do imobiliário em Portugal, que estava em crise - uma crise da procura. Pouca coisa era feita em termos turísticos. Os Franceses iam para o Magrebe, para o Egito, para a Grécia, e Portugal era um pouco esquecido. Nós invertemos esta tendência, contribuimos todos os anos para aumentar o número de Franceses que visitam Portugal e conseguimos mediatizar esta oferta.

Sabem quantos bens imobiliários já ajudaram a vender?

Sabemos que vamos ultrapassar os dois mil milhões de euros de vendas de bens imobiliários por intermédio do salão. E o facto da França ser o primeiro comprador de bens imobiliários em Portugal, deve-se à Câmara de Comércio. Não temos nenhum problema em o afirmar e ninguém nos pode tirar este mérito de ter popularizado ou democratizado o destino Portugal. Não havia, da parte institucional, nenhuma iniciativa e foi este Salão que permitiu realçar este investimento que se pode alcançar em Portugal.

Leia a entrevista completa em: <https://lusojournal.com>

LusoPress: Prémios Portugueses de Valor 2018 foram entregues em Figueira da Foz

A lista de dez premiados do prémio Portugueses de Valor 2018 - escolhidos por um júri de entre um grupo de 100 nomeados, na iniciativa anual do magazine LusoPress que decorreu na Figueira da Foz - inclui sete emigrantes e um lusodescendente residentes em França, um emigrante nos EUA e o padre Delmar Barreiros, 80 anos, natural de Trancoso, que é conhecido como o Padre dos Emigrantes ou o Padre do Benfica.

A lista de galardoados, disponibilizada à Lusa, inclui ainda o lusodescendente Tiago Martins, Diretor comercial da companhia de aviação Aigle Azur, Suzette Fernandes, natural do Sabugal (Guarda) e ativista,

em França, numa associação que fundou pelo fim das vacinas com alumínio, e o açoriano António Teixeira, emigrante nos EUA, país onde preside à Fundação Faialense.

A lista de premiados na iniciativa do grupo de comunicação sediado cerca de 20 quilómetros a sudeste da capital francesa inclui ainda Armando Freire, natural de Pombal e gerente de uma empresa em que 90% dos funcionários são Portugueses, Joaquim Barros, natural de Viana do Castelo e empresário do setor da construção na região de Paris, e Isabel da Ponte, engenheira, natural de Valença do Minho e a residir em França.

Os restantes três emigrantes em França premiados com o galardão Portugueses de Valor 2018 são o formador na área da hotelaria Victor Ferreira, natural de Lisboa, Luís Gonçalves, oriundo do concelho de Guimarães e empresário na área do aquecimento, e Henrique Costa, nascido no concelho de Ansião (Leiria) e empresário de telecomunicações. A comitiva «Portugueses de Valor», constituída por cerca de 150 pessoas, entre promotores do galardão, premiados, nomeados e familiares, foi recebida na autarquia da Figueira da Foz pelo Presidente João Ataíde, que classificou os emigrantes portugueses e os lusodescendentes como

os «maiores embaixadores de Portugal em qualquer parte do mundo» e lhes pediu que fossem «embaixadores da Figueira da Foz».

Na ocasião, João Ataíde apresentou à plateia as oportunidades de investimento neste município do litoral do distrito de Coimbra em áreas como a agroalimentar ou ligadas à floresta e economia do mar, entre outras, evidenciando igualmente os mecanismos da autarquia ao dispor de potenciais interessados, como o gabinete de apoio ao investidor, a incubadora de empresas ou o laboratório Marefz, constituído em parceria com a Universidade de Coimbra. O presidente da Câmara destacou

ainda a indústria hoteleira e de lazer, nomeadamente as cerca de três mil camas disponíveis e equipamentos para a realização de reuniões e congressos e atividades ligadas ao surf, desportos de aventura e caminhadas «opções saudáveis que permitem uma estadia agradável», frisou.

O autarca evidenciou ainda que no concelho residem cerca de 40 famílias francesas, número que «tem tendência para crescer» afirmou João Ataíde. De acordo com os promotores da iniciativa, a comitiva devia ter sido recebida na terça-feira, já depois do fecho desta edição do LusoJornal, pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

lusojournal.com

→ José Batista de Matos

Maio/68: O Português que liderou a greve numa estação de metro em Paris

Por Carina Branco, Lusa

José Batista de Matos ajudou a construir 23 estações de metro em Paris e chefiou centenas de homens, mas em maio de 68 associou-se aos protestos e tornou-se num dos instigadores da greve numa estação da capital francesa.

O Português da aldeia de Alcanadas, na Batalha, chegou ao 'bidonville' de Champigny em abril de 1963 para «fugir à ditadura», deixando para trás as «idas de bicicleta à Marinha Grande para ir buscar o Avante» e as escutas clandestinas, em casa, da rádio Voz da Liberdade e da Rádio Moscovo.

Com 84 anos, José Batista de Matos conta entusiasmado «a visão apocalíptica» que teve quando, no início de maio de 68, durante a pausa de trabalho das obras do metro de Charles de Gaulle-Étoile, viu «o largo ao lado do Arco do Triunfo cheio de jovens sentados», foi falar com eles e sentiu «o germinar da vontade» de participar no movimento.

Depois, foi à Universidade da Sorbonne e integrou uma Comissão de estudantes-trabalhadores, a partir da qual organizou a greve junto dos seus colegas operários, mesmo sendo ele Chefe de obras de uma equipa. «Fizemos reuniões na Sorbonne e tentei com outros amigos - alguns Franceses, um ou dois Portugueses - parar o 'chantier' na Étoile, em que havia 60, 70 e tal pessoas. E conseguimos parar aquilo. O trabalho parou completamente», recordou, descrevendo o mo-

mento como «uma vitória muito grande».

José Batista de Matos começou a participar nas manifestações e ia às reuniões na Sorbonne do 'Comité ouvriers-étudiants' porque aquele mês foi para ele «o sonho de um mundo melhor» e «ao fim de 28 dias» conseguiu um aumento de 35 francos por semana», tudo «recordações fabulosas, não só a parte material mas a consciencialização das pessoas».

«Nós combinávamos os sítios das manifestações e qual o sentido dessa manifestação em République, Nation, Porte d'Italie, Étoile... Quando sabíamos que havia uma fábrica em greve lá íamos para incitar as pessoas a não irem abaixo», continuou, enquanto a mulher, Ascensão de Matos, recorda a «angústia» de o ver sair «de Vespa direto a Paris» quando na televisão «parecia que era a guerra».

Como «não havia gasolina nenhuma para ninguém, nem para os ricos», Batista de Matos conhecia um Português numa gasolinheira «que tinha à parte um ou dois bidões de gasolina» e encheu-lhe o depósito da moto «uma vez ou duas».

O Português participou nas manifestações de rua porque «tudo se pode vencer com o número de pessoas», viu muita gente «a mandar até botas e 'pavés' à polícia» mas diz que nunca mandou nenhuma pedra às autoridades nem andou «a descalçar Paris», ainda que tenha tido de «fugir à frente da polícia» com o filho de sete anos.

«Todas as manifestações que havia, eu



Lusa / Carina Branco

ia a todas. Não falhava uma sequer porque eu pensava que a minha presença podia ser benéfica para os outros, não para mim», sublinhou, apontando que nessa altura «ganhava bem» mas ia por uma «questão de respeito pelos outros e por solidariedade». Ainda que houvesse «uma solidariedade bestial» entre os estudantes e os trabalhadores, chegou a haver uma reunião em que os operários, incluindo Batista de Matos, forçaram a entrada na Sorbonne e também no teatro Odéon. «Foi a primeira vez, na minha vida de homem, que no Odéon os senhores professores, doutores, se tratavam todos por tu. Não havia você, não

havia senhor doutor. Aquilo transformou-me», contou o autor de «Uma vida de militância cívica e cultural», acrescentando que na sua boca tinha sempre a palavra «liberdade».

Batista de Matos recorda, ainda, ter participado na ocupação da Casa de Portugal na Cidade Universitária de Paris, onde comeu «à vontade que estava tudo cheio porque eram só filhos de ricos portugueses» e como havia «malta da LUAR e alguns antigos presos políticos ninguém se atreveu a chamar a polícia».

O Português continua a ser o rosto da emigração lusa no Museu Nacional da História da Imigração em Paris, onde

há um desenho a ilustrar o momento em que ele e dois companheiros penduraram uma bandeira vermelha numa grua em protesto contra a manifestação de apoio ao General de Gaulle, que iria pôr fim ao ímpeto do maio de 68. «Há três anos, um senhor telefonou-me para minha casa porque foi ao Museu e viu essa fotografia. No dia 27 de maio, ele ia na manifestação dos 'gaullistas' e houve um 'gaullista' que ergueu a pistola para lá para cima para mandar para a gente», contou.

Do outro lado da linha, o senhor disse-lhe: «Ainda bem que você está aí porque houve um 'gaullista' que o queria matar a você e aos outros dois».

Batista de Matos recorda o maio de 68 como «o catalisador» e «a essência» da sua vida, acredita que «é preciso maio de 68 em permanência para combater as desigualdades porque 2% da população do mundo tem tanto como 98% do mundo» e diz que na sua vida associativa sempre se bateu para «ressuscitar um pouco o maio de 68».

«Eu hoje sinto o maio de 68 como a emancipação de uma camada de homens e mulheres que se bateram para a liberdade deles e dos outros e essa liberdade expressei-a pessoalmente quando em 1982 inaugurámos, com um Militar de Abril, um Monumento ao 25 de Abril em Fontenay-sous-Bois», concluiu o fundador da Associação Portuguesa de Fontenay-sous-Bois (93) que foi, também, Conselheiro das Comunidades Portuguesas durante oito anos.

→ Fernando Medeiros

Maio/68: Português recorda «delírio coletivo a enterrar o velho mundo»

Por Carina Branco, Lusa

Fernando Medeiros era estudante e vivia em pleno Quartier Latin, em Paris, quando começaram as manifestações e barricadas do maio de 68, um momento histórico em que viveu num «delírio coletivo a enterrar o velho mundo».

Depois de uma adolescência em Moçambique e de ter iniciado a universidade em Portugal, Fernando veio para França em 1961, com 20 anos, porque «não queria ir para as matanças» das guerras coloniais.

Em 1968, com 25 anos, viveu, em Paris, «uma experiência absolutamente empolgante» não só em termos da «perspetiva histórica» mas pelo «prazer de participar» nesse «movimento social de grande envergadura». «Aquilo foi uma explosão de criatividade absolutamente espetacular, impressionante. A gente estava numa certa forma de delírio coletivo a enterrar o velho mundo», descreveu o então estudante em Sociologia e Psicologia. O «enterro festivo do velho mundo» custou a Fernando o seu Renault 4L que ardeu numa noite de barricadas, assim como «todos os carros que estavam nessa rua», quando começaram as manifestações a pedir a libertação



Lusa / Carina Branco

de estudantes já detidos.

Nessa noite, a rua Gay-Lussac, onde vivia, viu-se «descalçada» e as pedras serviram de arremesso contra as forças de ordem, numa «violência em crescendo», na qual Fernando e os companheiros viram-se obrigados a fugir para o seu apartamento, no prédio número 13 da Gay-Lussac que serviu de abrigo a dezenas de manifestantes. «Aquele

foi literalmente, inteiramente desnudada. Eu fui lá para cima [quinto andar] até porque a coisa começou mesmo a degenerar. Fui para casa, mas não fui sozinho. Naquela rua, todas as casas serviram de abrigo. Só lá no meu pequeno apartamento éramos, pelo menos, uns vinte e tal», recordou, acrescentando que no grupo havia um cineasta que filmou os con-

frontos a partir da sua varanda.

A partir daí, Fernando Medeiros participou «em praticamente todas as manifestações» e entrou num Comité de ação de Glacière, no 13º bairro de Paris, que se reunia numa «espécie de assembleia-geral na Universidade de Censier» e que «se transformou numa espécie de quartel-geral dessa perspetiva de luta de união estudantes-trabalhadores da contestação da ordem vigente».

«No fundo, coordenavam-se lutas: apoios concretos a ocupações de fábricas, a ocupações de escolas, a iniciativas de criação de atividades lúdicas ou sociais, como creches e escolas alternativas. Aquilo era acompanhar os acontecimentos, estar ativos em matéria de mobilizações para manifestações e para contestações de toda a ordem e feito», descreveu.

O movimento também passava pela «libertação da palavra como se uma chapa de chumbo tivesse saltado» e, por isso, «o que ocupava mais tempo» eram as próprias relações sociais e «a descoberta que havia imensas coisas por descobrir, por fazer, por averiguar». Fernando Medeiros ainda participou em reuniões de comités de «solidariedade para com as lutas de libertação nacional», um meio que conhecia bem

depois de ter frequentado a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, e de ter contactado com a União dos Estudantes Moçambicanos (UNEMO) em Paris.

Antes de 1968, o português foi cofundador da revista e grupo de reflexão Cadernos de Circunstância (1967-1970), andou em comités contra a guerra no Vietname, e esteve, em 1965, nas eleições da União de Estudantes Portugueses em França, numa lista em clara cisão com o Partido Comunista.

Depois de 68, «a ressaca foi forte» e voltar ao «quotidiano fastidioso não era possível porque havia que estar à altura dos acontecimentos».

Fernando Medeiros terminou, então, a licenciatura, foi recrutado pelo ensino universitário francês graças à abertura de concursos a estrangeiros (na sequência do maio de 68) e, em 1975, viveu «uma aventura neo-rural» com uma «tentativa de ocupar uma aldeia abandonada no sul de França com três casais amigos».

«Essas utopias continuaram a trabalhar na sociedade, sobretudo na malta jovem, durante muito tempo», concluiu o Português que continua a viver em França e que, 50 anos depois, reitera que «o maio de 68 marcou profundamente esta sociedade».

→ Vasco Martins

Maio/68: A vida de um Português entre um Comité de ação de bairro e a Renault

Por Carina Branco, Lusa

Vasco Martins dava aulas de francês para emigrantes na Renault quando a fábrica entrou em greve, em maio de 68, e participou na criação de um Comité no 14º bairro de Paris que coordenava ações para apoiar «o movimento». O Português chegou a França, em 1961, escondido num camião de ostras, «com uma mochila às costas, uma manta e alguma fruta», e sete anos depois viveu um movimento de «expressão livre» que associa ao espírito da letra «É preciso avisar a malta», de Zeca Afonso.

O seu «maio de 68» começou em finais de 1967, quando entrou num Comité contra a guerra no Vietname, e em março de 1968, quando assistiu às primeiras manifestações de estudantes e cargas policiais, no Quartier Latin, na altura em que trabalhava na livraria Eyrolles, no boulevard Saint Germain.

Em maio, quando a Renault entrou em greve, Vasco já lá dava algumas horas de alfabetização para emigrantes e conseguiu um cartão para entrar na fábrica ocupada, onde ia, por vezes, comer ao refeitório, conversar com operários portugueses e assistir ao que por lá se passava, como «o voto para continuar ou não a greve».

«Eu não ia lá com um espírito missionário de politizar. Era tentar dar a minha



Lusa / Carina Branco

opinião sobre por que é que estávamos cá fora. Portugal era para nós terra madrastra porque havia um Governo que explorava e aproveitava a nossa ignorância», contou o homem que integra o primeiro tomo do livro «Exílios - Testemunhos dos Exilados e Desertores Portugueses na Europa (1961 e 1974)». Uma «recordação fantástica», que «parece um filme», foi quando percorreu Paris num «autocarro dos antigos, com plataforma», com um grupo de manifestantes, a entoarem «palavras de ordem, canções revolucionárias e outras populares», depois de uma manifesta-

ção no Quartier Latin contra a expulsão do líder estudantil Daniel Cohn-Bendit. A viagem continuou pela margem direita do rio Sena até à fábrica da Renault-Billancourt, onde o português gritou: «Continuemos o combate» e «Viva a unidade entre os trabalhadores franceses e os trabalhadores emigrantes».

O seu «grande mergulho no ativismo» e a sua «escola primária na política» - que o influenciou «para sempre» - foi a participação no Comité de ação do 14º bairro de Paris, que fazia ações militantes junto de operários e que organizou

a pintura, a vermelho, de um dos símbolos de Paris, o leão da rotunda da Praça Denfert-Rochereau.

«Realmente era impressionante ver o leão todo vermelho. Vermelho porque era a cor da revolução. Para uns, a revolução socialista, para outros a revolução comunista, para outros a revolução das ideias. Toda a gente tinha direito a falar da sua revolução ou daquilo que concebia como revolução», recordou o português de 76 anos.

Ainda que fosse a várias manifestações, Vasco só se lembra de ter ajudado, uma vez, a «fazer um embrião de barricada», já que «havia o receio de ser apanhado» e, de facto, meses depois, a PIDE emitiu um mandato de captura contra ele por ter fugido à guerra colonial.

No «Comité de Ação de Paris 14», Vasco era conhecido como «Manuel» e foi como Manuel que se deslocou de camião ao distrito de Loire «para buscar coelhos, alfaces, couves e distribuir, pelo mesmo custo, aos grevistas de pequenas fábricas e ateliês».

Vasco também levou «coelhos, alfaces, cenouras e batatas» ao estaleiro da demolição da antiga Gare de Montparnasse, onde havia muitos Portugueses com quem falou sobre as greves porque, para a maior parte, as ocupações eram «uma situação completamente inédita».

«Tive a oportunidade de falar com al-

guns, não só lá mas em muitos sítios, e era tentar compreender a situação. Havia uma tentativa de explicar o porquê da greve, o porquê da ocupação, o porquê dessa agitação social que andava à volta e dizer 'não há que ter medo', lembrou.

Graças ao Comité de bairro, Vasco ainda colocou cartazes a apoiar as greves e participou na edição do boletim «Anti Mythe», no qual se publicavam notícias das ocupações e se dava a palavra aos habitantes e aos grevistas do quarteirão.

Vasco Martins também foi ao grande anfiteatro da Sorbonne, onde ouviu, por exemplo, os líderes estudantis Roland Castro e Jacques Sauvageot, assim como o filósofo Jean-Paul Sartre, num ambiente animado porque «o direito de contestar era interno ao movimento, não era só contestar contra uma ideologia dominante cá fora».

«Para mim, o espírito do maio de 68 é 'prendre la parole', quer dizer, é que as pessoas se exprimam. É a coisa mais maravilhosa no maio de 68. 'É preciso avisar a malta', mas é preciso também que as pessoas se exprimam. Por vezes, a participação numa greve ou numa manifestação também faz criar um espírito na pessoa que a leitura de dezenas de panfletos não dá», concluiu o homem que vive em Paris há mais de 50 anos.

→ Carlos Saboga

Maio/68: Entre a ocupação da Casa de Portugal e as barricadas

Por Carina Branco, Lusa

O argumentista e realizador Carlos Saboga viveu o Maio de 68 entre euforia e receio de ser expulso para Portugal, depois de ter participado na ocupação da Casa de Portugal e de ter sido «soldado raso» nas barricadas.

O homem que viria, mais tarde, a trabalhar com os realizadores António-Pedro Vasconcelos, Mário Barroso e Raúl Ruiz, também participou num Comité de ação português de trabalhadores-estudantes, e foi obrigado a fugir para Itália, em junho de 68, face a um rumor de expulsão de Portugueses.

Carlos Saboga tinha saído de Portugal com uma equipa de cinema francesa, em 1965, e atravessou os Pirenéus a pé, porque a sua família tinha «uma longa história de oposição ao regime de Salazar»: o pai passou 15 anos preso e ele próprio esteve atrás das grades.

Em maio de 68, quando era assistente na estação de televisão pública de televisão ORTF, «toda a gente estava em greve» e ele teve «toda a disponibilidade» para participar no movimento de contestação, tendo entrado num Comité de trabalhadores-estudantes de língua portuguesa, ao lado, por exemplo, do artista Vasco de Castro. «Fazia-se pouca coisa, falava-se muito. A circulação da palavra era intensiva, mas, de resto, não havia grandes ações, à parte as manifestações, barricadas, etc.. Aquilo que se falava muito era da revolução, de coisas teóricas, ideológi-

cas. Falava-se do perigo iminente do ataque do Ocidente, dos grupos neofascistas que ameaçavam vir libertar a Sorbonne», recordou à Lusa o argumentista de 81 anos.

Carlos Saboga andava sempre «de um lado para o outro», porque «queria ver tudo», mas acabou «por estar metido no Comité da ocupação» da Casa de Portugal na Cidade Universitária de Paris, onde «assistia às reuniões, discutia, falava evidentemente».

«Havia grandes assembleias em que se falava de revolução, em que uns se tomavam por Lenine, outros por Trotsky, outros por isto e aquilo, mas não me recordo assim de nada, à parte ajudar os Brasileiros a ocupar a Casa do Brasil, porque eles eram poucos e vieram pedir-nos uma aliança para ir ocupar a Casa do Brasil, de resto, sem violência», recordou.

O episódio não escapou à PIDE, a polícia política da ditadura portuguesa que, a 01 de abril de 1969, colocou Carlos Alberto Saboga entre os «nomes de alguns dos principais responsáveis pelos distúrbios verificados na Casa dos Estudantes Portugueses na Cidade Universitária de Paris», assim como o cantor José Mário Branco e Armando Ribeiro, um dos fundadores da Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR). O documento está guardado na Torre do Tombo, em Lisboa.

O realizador de «Photo» e «A Uma Hora Incerta» também participou na «noite das barricadas», a 10 de maio, em que



Lusa / Carina Branco

esteve essencialmente na rua Gay-Lussac. «Particpei até de manhã, mas era soldado raso, não tomei nenhuma decisão de comando. Ajudei a construir as barricadas. Quando se chegava lá, estavam filas a arrancar paralelepípedos e a dar uns aos outros e a amontoar coisas e eu ajudei», lembrou, sublinhando, com um sorriso, que não lançou pedras às autoridades.

Foi uma «noite impressionante»: os polícias, «todos de preto à espera do momento de atacar», avançaram e houve «os que se bateram até ao último minuto e foram mesmo presos» e outros - como Saboga - que «escaparam», entre fumo, gás lacrimogénico e portas abertas pela população que também

«atirava água das janelas» para ajudar «a dissipar a fumaçada».

A «enorme greve operária» é outra das recordações marcantes de Carlos Saboga, que chegou a ir a manifestações à Renault, onde milhares de trabalhadores pararam de trabalhar e ocuparam as instalações. «Aí intervim pouco, porque a CGT [Confederação Geral de Trabalhadores] não deixava contactar com operários. Fui a manifestações à Renault, mas não se entrava e, às vezes, pediam-nos para traduzir aos operários portugueses o que estava a acontecer, porque eles não percebiam que havia uma greve. Quer dizer, levaram tempo a perceber», contou.

Grande parte dos Portugueses, que emigraram para França para trabalhar, «não tinham a cultura da greve e das lutas operárias», algo que Carlos Saboga constatou nos bairros de lata, onde chegou a ir «para tentar convencer os trabalhadores portugueses a fazer greve».

«Recordo-me de termos ido a um 'bidonville' e, na paragem de autocarro, estavam imensos Portugueses à espera. Ora, não havia autocarros, mas eles estavam à espera para ir trabalhar. Eles perceberam o que se passava, mas não sabiam muito bem qual a atitude tomar», continuou.

Ainda que tenha participado «em coisas estritamente portuguesas», Carlos Saboga também assistiu a debates no anfiteatro Richelieu da Sorbonne e no Théâtre de l'Odéon, e «pensava que o que se estava a passar aqui não tinha nada a ver com Portugal», mesmo que imaginasse que «uma revolução seria internacional».

A dada altura, começou a circular o rumor de que as autoridades estavam a expulsar Portugueses e, como os serviços de informações franceses «tinham fotografado os ocupantes da Casa de Portugal», Carlos Saboga decidiu partir para Itália, em finais do mês de junho.

Regressou para Paris sete anos depois, uma cidade onde vive até hoje e de onde recordou à Lusa «o acontecimento histórico mais importante» a que assistiu: o Maio de 68.

Portugal é país de honra no Festival des Cultures et Musiques du Monde de Créteil

Por Luísa Semedo

A 7ª edição do Festival des Cultures et Musiques du Monde de Créteil (94) terá lugar, este ano, de 12 a 19 de maio. Cada edição pretende dar destaque a uma região do mundo, como as Antilhas, Cordilheira dos Andes, países do Caucaso e Irão, a Cabília, África, Índia e Indonésia, este ano o Festival será dedicado ao tema «Escale au Portugal».

O objetivo do Festival, segundo a organização, é o de tornar a cultura acessível ao maior número oferecendo uma programação ambiciosa e exigente, reunindo artistas confirmados e com potencialidades.

A originalidade do projeto reside na interação dos habitantes, dos atores socioculturais locais e dos artistas a partir de ações que favorecem o interesse pelas artes, as culturas e a expressão coletiva, através da criação de um espírito de encontro e de partilha entre artistas e habitantes.

O programa inclui iniciativas diárias em parceria com o Conservatório Marcel-Dadi de Créteil, a Maison de la Solidarité, a MPT des Bleuets-Jean Ferrat, a Mediateca Nelson Mandela, o Comité de geminação, a U.I.A., o Cinéma du Palais e a ADIAM94 (Association départementale d'information et d'actions musicales).

De salientar, durante toda a duração do Festival a exposição-leitura no Conservatório Marcel-Dadi de poemas de António Aleixo.

No sábado, dia 12 de maio, na Mediateca Nelson Mandela, foco sobre o fundo documental à volta de Portugal com webdocs e realidade aumentada.

No domingo, dia 13, danças e cantos, nomeadamente com o grupo de Cante Alentejano de Paris.

No dia 14, concerto da fadista Tereza Carvalho no Conservatório Marcel-Dadi, às 20h00.

Dia 15, conferência sobre o fado de Jean-Luc Gonneau, às 19h00, no Conservatório Marcel-Dadi e no dia seguinte, concerto da cantora Bevinda na Mediateca Nelson Mandela, às 20h00.

Na sexta-feira, dia 18, às 20h00, no Cinéma du Palais, projeção do filme «Menina» de Cristina Piñeiro.

O festival encerra dia 19 de maio com um concerto de Dan Inger dos Santos, mas haverá ainda no sábado seguinte, dia 26 de maio, uma prolongação do Festival com a projeção do filme de José Vieira «Os imigrantes» e um concerto de fado com a cantora Tânia Raquel Caetano e os guitarristas Philippe de Sousa e Nuno Stevens.

➡ Produtor português meteu o Festival em Tribunal

Paulo Branco ameaça estragar festa de encerramento do Festival de Cinema de Cannes

A tensão entre o produtor português Paulo Branco e a Direção do Festival de Cannes está no máximo. Em causa está o facto do Festival ter programado para a sessão encerramento, a projeção do filme «O homem que matou D. Quixote» do realizador Terry Gilliam.

Ora, Paulo Branco e Terry Gilliam estão em tribunal.

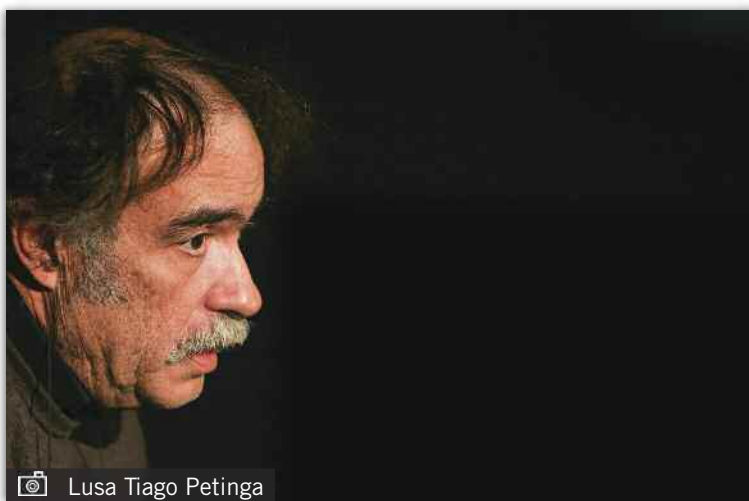
Quando Paulo Branco soube da programação do filme interpôs uma ação de interdição, através da produtora Alfama Films.

«O homem que matou Dom Quixote», um projeto antigo de Terry Gilliam, é uma coprodução entre Portugal, Espanha, França, Bélgica e Inglaterra, com um orçamento de cerca de 16 milhões de euros, que teve filmagens em Portugal.

Paulo Branco começou a produzir o filme

O projeto chegou a contar com produção de Paulo Branco, mas Terry Gilliam acabou por não concretizar a parceria, alegadamente por problemas de financiamento, optando por trabalhar com outra produtora portuguesa, a Ukbar Filmes.

Terry Gilliam pediu a anulação do contrato de produção com a produtora Alfama Films, de Paulo Branco, mas, no ano passado, o Tribunal de Grande Instância de Paris declarou que aquele continua válido. «Continuo a ter os direitos sobre o filme e será difícil que a situação seja revertida. A decisão de 15 de junho, que foi comunicada, não resolve nada. Há ainda um processo no Reino Unido», disse Paulo Branco à Lusa no passado dia 04 de abril.



Lusa Tiago Petinga

«O Festival de Cannes esquece assim que sem os produtores, que assumem os riscos financeiros, nem os filmes, nem o Festival existiriam. Durante 16 anos, de 2000 a 2016, Terry Gilliam não arranhou um único produtor que tenha aceite retomar este projeto. Se o filme existe hoje, é graças ao trabalho e aos investimentos realizados pela Alfama Films Production e Paulo Branco, quando já ninguém acreditava neste projeto», acrescentou o comunicado do produtor.

À Lusa, Paulo Branco recordou que «os direitos do filme ainda pertencem à Alfama Films» e disse estar há pelo menos dois anos «disposto a sentar-se à mesa» para negociar com o realizador.

Pandora da Cunha Telles, da Ukbar Filmes, explicou à Lusa que este processo «não inviabiliza nem a exploração comercial nem a circulação do filme».

Está marcada para 15 de junho uma audiência no Tribunal de Recurso em Paris na qual será conhecida a sentença sobre a possível indemnização do cineasta ao produtor português, por causa de direitos sobre o filme.

Festival de Cannes atacou Paulo Branco

Entretanto, a Direção do Festival de Cinema de Cannes saiu em defesa do realizador Terry Gilliam e do filme «O homem que matou D. Quixote», deixando duras críticas ao produtor Paulo Branco por causa da disputa judicial que pode comprometer a exibição do filme, incluindo no encerramento do festival que se realiza entre 08 e 19 de maio.

Num comunicado conjunto do Presidente do Festival de Cannes, Pierre Lescure, e do Delegado-geral, Thierry Frémaux, é estabelecido o paralelo entre a situação de Terry Gilliam e a de realizadores como a queniana Wanuri Kahiu, que viu o seu filme ser proibido no país de origem.

«Afirmamos firmemente que estamos do lado dos realizadores e, em particular, do lado de Terry Gilliam. Sabemos como este projeto, que passou por tantas provações e tribulações, é importante para ele», afirmaram o Presidente do Festival de Cannes,

Pierre Lescure, e o Delegado-geral, Thierry Frémaux, num comunicado conjunto.

«O Festival de Cannes, apesar de estar ao corrente de todos os processos, decidiu ignorar as decisões dos Tribunais e foi por essa razão alvo de um processo de interdição. É indecente, para não dizer abjeto, que o Festival de Cannes, para se justificar, compare a situação de Terry Gilliam, que se recusa a respeitar decisões judiciais num Estado de Direito, à dos realizadores vítimas de repressão e censura nos seus países», realçou Branco.

«Paulo Branco mostrou a verdadeira cara»

No comunicado, a Direção do Festival recorda que está planeada a estreia do filme em pelo menos 300 salas em França, mas garante que respeitará a decisão do tribunal. De permissão, critica duramente o produtor Paulo Branco, recordando que usou o Festival «ao longo da sua carreira para construir a sua própria reputação».

No entender do Festival, com aquela ação judicial, Paulo Branco «mostrou a verdadeira cara de uma vez por todas» ao ameaçar, através do advogado, «com uma derrota humilhante».

«Derrota seria sucumbir às ameaças», escreveram. No comunicado assinado pela advogada Claire Hocquet, que o representa e à Alfama Films, em reação à tomada de posição pelos dirigentes do Festival, Paulo Branco rejeitou que utilize qualquer «método de intimidação ao recorrer à justiça para fazer valer os seus direitos» e afirmou que «a virulência e agressividade do tom do Festival de Cannes não mudarão nada».

Chantiers d'Europe: por uma Europa das artes

Por Carina Branco, Lusa

O Festival Chantiers d'Europe, a decorrer de 14 a 30 de maio, em Paris, vai voltar a destacar artistas portugueses e é um «manifesto» por uma Europa das artes e da paz, de acordo com o Diretor.

Em entrevista à Lusa, Emmanuel Demarcy-Mota, fundador do Festival, explicou que o «Chantiers d'Europe é um momento em que se trabalha contra a ideia da xenofobia» para «não deixar alguns povos voltarem a uma noção de identidade ligada ao nacionalismo».

«O Chantiers d'Europe é como um manifesto para dizer que a Europa - aliás o título em francês 'chantier' quer dizer estaleiro - é uma coisa que nunca está acabada, mesmo se a Europa foi construída depois da Segunda Guerra Mundial para conseguir a paz entre os povos e as nações dentro do espaço europeu», afirmou, apontando que os nacionalismos são uma ameaça à paz europeia conquistada desde 1945.

Face às eleições europeias de 2019 e à ameaça da extrema-direita de Marine Le Pen em França, o Diretor do

Théâtre de la Ville adiantou que, no próximo ano o Festival se vai chamar «Chantiers d'Europe-Chantiers du Monde» porque vão ser trabalhados temas que questionam «a relação entre a Europa e o mundo».

O encenador defendeu que o Chantiers d'Europe não é apenas um festival de teatro, dança e música, mas um espaço de reflexão em que o Théâtre de la Ville, em ligação com teatros de outras cidades constrói, «um pensamento aberto sobre o mundo» e, por isso, este ano, os fluxos migratórios são o tema central.

«Em muitos espetáculos há este tema da migração, do movimento, do acolhimento, de como viver com as diferenças. Este 'Chantier' também é, para mim, a preparação do próximo - no qual já estou a trabalhar - que é sobre a questão Europa/Mundo, quer dizer, a Europa é só um espaço branco e católico ou também é feita de um espaço diferente?», declarou.

Emmanuel Demarcy-Mota sublinhou, ainda, que o Festival foi criado, em 2010, a partir da ideia que a «Europa tem de ser construída por uma ação

artística e cultural e não só de um ponto de vista económico» e, por isso, pretendia ajudar os «artistas a circular e não ficarem fechados em países que estavam economicamente numa crise muito forte», tendo, desde o início, apostado em artistas portugueses.

No ano em que se celebra o 20º aniversário do Acordo de Amizade Paris-Lisboa, no qual se vai promover uma programação cultural cruzada entre as duas cidades, Emmanuel Demarcy-Mota reivindicou a «paternidade ao nível artístico» dessa circulação de artistas pela qual tem vindo a lutar há anos, lembrando, por exemplo, que em 2013 convidou mais de 20 nomes portugueses para o Festival, do fado à dança contemporânea e ao teatro.

Com esse trabalho, o luso-francês tem tentado «mostrar que Portugal também tem uma vitalidade artística, que não é só um país de sol e de férias, que não é só um país mais barato que a França, onde as pessoas são simpáticas», que «é um país que também tem uma visão de futuro e não é só um país que está atrás do sistema francês ou alemão dentro da construção euro-

peia».

No cartaz deste ano, o concerto inaugural «Lisbonne Paris», a 14 de maio, vai juntar Camané e a realizadora, atriz e cantora francesa Agnès Jaoui numa «criação inédita e concerto único», no Théâtre de la Ville-Espace Cardin.

O Espace Cardin vai acolher também a companhia Hotel Europa, que junta o português André Amálio e a checa Tereza Havlíková, com o espetáculo «Portugal não é um país pequeno», a 14 e 15 de maio, e a coreografia em vídeo «Um Saco e uma Pedra - peça de dança para ecrã» de Tânia Carvalho, a 16 de maio.

A 17 de maio, no Théâtre des Abbesses, Pedro Penim, do coletivo Teatro Praga, vai apresentar o espetáculo «before».

A 21 e 22 de maio, no Espace Cardin, a Companhia de Música Teatral vai apresentar «Babelim», destinado às crianças dos 18 meses aos sete anos. Durante o festival, o compositor Diogo Alvim vai estar em residência na Cité Internationale des Arts para criar 'Desk Job' e a fotógrafa Estelle Valente vai estar em residência no Espace Cardin.

➔ Artista está radicado em Paris desde 2006

Uma obra de Paulo Silva no European Art Museum



LusoJornal / Carlos Pereira

Por Luísa Semedo,
com Carlos Pereira

O European Art Museum adquiriu uma obra do artista plástico português residente em Paris, Paulo Silva, para a sua coleção permanente. «Hors beating» é o título do quadro adquirido, de 55 cm de largura e 46 cm de altura, em tons de amarelo, azul, vermelho, verde e branco.

O Museu abriu as suas portas em 2016, em Copenhaga, e pretende ter uma amostra do que melhor se faz na arte europeia durante um período de 25 anos, de 2000 a 2025.

O fundador e curador do Museu, Leif Nielsen, é um artista que expôs um pouco por todo o mundo e que defende que o objetivo do museu é ter todos os países representados porque cada um tem impacto sobre os outros, e porque «a arte, é como o tempo, não há fronteiras nacionais». O museu dinamarquês pretende, assim, expor todos os estilos artísticos para mostrar a diver-

sidade do que se faz na Europa. A representar Portugal estão, igualmente, obras de Leonor Sousa e Cristina Mayo Caetano.

Paulo J. Saraiva da Silva, nasceu em 1974 em Possacos, uma Freguesia de Valpaços. Viveu até aos 22 anos uma vida rural e é diplomado em engenharia agrícola, não tendo chegado a exercer a profissão. «Os meus pais têm bastantes terras, mas percebi que era impossível trabalhar com eles» confessa ao LusoJornal. Daí ter decidido vir para Paris.

O artista afirma ter sido sempre «um amante e um fazedor de arte» desde a sua infância. Passava o tempo a ilustrar os seus cadernos na escola para expressar os seus sentimentos e situações da vida - «aliás até cheguei a ser punido por ter os cadernos todos desenhados» explica ao LusoJornal - tendo mais tarde realizado os décors de teatro da Associação Cultural de Possacos enquanto ainda estudava agronomia. Em 1996 descobre Paris, onde fica a

residir durante quatro anos, estuda arquitetura e decoração francesa e frequenta o Olivier Debre Studio Art. «Mas não seguia nada o que o professor me dizia» diz com um sorriso. Por isso diz-se sobretudo autodidata e assume ser «um inventor».

Em 2000, parte para Washington DC e trabalha no Kennedy Center for Performance and Arts enquanto especialista da iluminação cénica, nomeadamente na criação de sombras. Nos Estados Unidos realiza obras em acrílico e óleo em vários suportes, e começa a expor a partir de 2001 nas galerias Longview Gallery, Watergate Gallery, Toro Mata Gallery.

Em 2006 volta para Paris, onde reside até hoje, e continua o seu trabalho de pintura e desenho, sobretudo de figuras geométricas e de animais. Tendo, depois, experimentado um trabalho influenciado pela pedra e esculturas em papel machê baseado na expressão e o comportamento dos humanos e das situações da vida.

Paulo Silva diz considerar-se «um artista expressionista, que expressa alguns dos sentimentos e situações que todos podem ser ou sentir na e sobre a vida». Desde 2016 tem um atelier em Paris 7, não muito longe da Fundação Calouste Gulbenkian e «desde essa altura, produz muito mais».

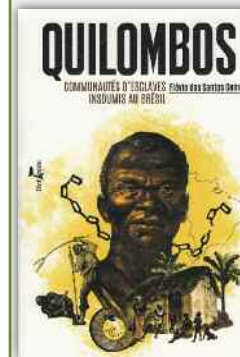
O artista tem várias das suas obras expostas em coleções privadas e institutos em Portugal, França, Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Buenos Aires e Espanha. «As galerias parisienses começaram por nem querer ver a minha obra. Praticamente deram-me um pontapé no trazeiro» diz com humor. «Agora já começam a interessar-se pela minha obra» diz ao LusoJornal.

Vai regularmente a Lisboa e envia muitas das obras que realiza para Portugal. «Lisboa tornou-se um centro muito interessante, onde há vida, há arte, e quem vai a Lisboa, encontra-se facilmente nos circuitos de arte. É muito interessante», confessa.

Dominique
Stoenesco

Un livre par semaine

«Quilombos», de Flávio dos Santos Gomes



À l'occasion de la parution de «Quilombos» - Communautés d'esclaves insoumis au Brésil», de

Flávio dos Santos Gomes, aux éditions L'Échappée, une rencontre organisée par l'association Autres Brésils aura lieu, le 17 mai prochain, à la Maison de l'Amérique Latine (Paris) en présence du traducteur de l'ouvrage, Georges da Costa, de l'éditeur, Cédric Biagini, ainsi que du chercheur Guilherme Mansur qui proposera une réflexion sur les défis de la régularisation des territoires quilombolas dans le Brésil contemporain.

L'histoire des quilombos est toujours d'actualité. «Elle correspond - apprend-on dans l'avant-propos du livre - à une période tumultueuse qui a vu naître d'innombrables îlots de résistance, d'abord constitués d'esclaves noirs fugitifs (ainsi que d'Indiens et de déserteurs) puis d'esclaves affranchis. Aujourd'hui, sur l'ensemble du territoire brésilien, et parfois même dans les banlieues des grandes villes ou en plein cœur des zones urbaines, vivent des communautés noires rurales issues des quilombos, ces regroupements d'esclaves marrons dont les origines remontent au XVI^e siècle. Elles incarnent la continuité d'un long processus apparu avec l'esclavage et qui s'est maintenu pendant plusieurs décennies après son abolition».

Bien que la Constitution brésilienne de 1988 garantisse la propriété définitive des terres occupées par les communautés quilombolas, leur régularisation a été très lente. Actuellement, selon les données de la Commission Pro-indienne de São Paulo, seulement 250 communautés quilombolas sur les 3.000 que compte le Brésil, possèdent le titre de propriété de leurs terres. Outre les obstacles politiques et institutionnels, les défis sont également liés aux pressions du marché sur les terres quilombolas, en particulier dans les secteurs de l'agro-industrie et des mines.

Les douze chapitres de «Quilombos» sont accompagnés de plusieurs cartes, d'un lexique, d'une chronologie et d'une brève bibliographie. Flávio dos Santos Gomes est professeur d'histoire à l'Université de Rio et à l'Université Fédérale de Bahia.

Casa de Portugal em Paris vai expor artista portuguesa Cristina Valadas

Por Carina Branco, Lusa

A Casa de Portugal - Residência André de Gouveia, na Cidade Universitária de Paris, vai expor pinturas da artista portuguesa Cristina Valadas, de 19 de maio a 30 de junho.

A mostra, intitulada «Viagem ao quarto escuro», vai trazer a obra de Cristina Valadas a Paris pela primeira vez, numa cidade onde viveu quando era criança e que a marcou desde então. «Paris foi meu lar por uns tempos e poderia ter sido para sempre. Paris é para mim uma hipótese de projeção para fora e é um sonho que consegui concretizar», disse à Lusa a artista de 43 anos.

A exposição vai ter cerca de 20 trabalhos concebidos para esta exposição, entre pinturas em acrílico sobre papel 'craft', de grandes e pequenos formatos, e «caixas de luz» que são pequenos cenários de teatro com figuras



oníricas.

Cristina Valadas contou que a exposição começa com «um mundo imaginário nas caixas de luz» que prepara o espetador para a «viagem ao quarto escuro», a qual é representada em pin-

turas figurativas que ilustram um universo introspetivo e com «muito sentido de humor».

«Há muito sentido de humor. As pinturas brincam, brincam, brincam mas falam muito sério porque são coisas do

foro do inconsciente e, como o título indica, é aquele sítio onde a gente não quer ir, que está todo desarrumado, que tem a ver com o nosso passado e com aquilo que nos magoa», descreveu a artista.

Cristina Valadas, que venceu o Prémio Nacional de Ilustração, em 2007, e o Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, em 2000, também faz ilustrações para livros, tendo desenhado para obras de Valter Hugo Mãe, Manuel Alegre, Luísa Dacosta e José Jorge Letria, entre outros. A artista tem exposto maioritariamente em Portugal, mas esteve várias vezes representada na Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid (ARCO) e participou na exposição coletiva Prémio Baviera de Pintura, na Casa de Serralves, no Porto, em 2000, ano em que representou Portugal no Prémio Internacional de Arte Contemporânea de Monte Carlo.

Festival Leiria Dancefloor confirma Tujamo no dia 28 de julho



No dia 28 de julho, sobe ao palco do estádio municipal Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria, uma das maiores referências da dance music: Tujamo. O produtor alemão junta-se, assim, ao festival Dancefloor e a um line-up de luxo, onde já constam nomes como Blasterjaxx, Audiotricz e Borgore, no mesmo dia.

Tujamo iniciou a sua carreira na sua terra natal, mas não tardou a que rapidamente conquistasse fãs em todo o mundo.

Já marcou presença nos maiores festivais do seu género, incluindo TomorrowWorld nos Estados Unidos, Tomorrowland na Bélgica, Creamfields no Reino Unido e Summatronic na Índia, até aos mais lendários clubs como o Webster Hall e o Pacha, em Nova York, o prestigiado Wynn Resort em Las Vegas e o Green Valley (Top 100 Clubs #1) no Brasil, chegando, agora, também a Portugal.

Após os lançamentos de «Booty Bounce», «Drop That Low (When I Dip)», «Keep Pushin» e «BOOM!», o artista reuniu mais de 450 milhões de plays no Spotify, convertendo-se num dos artistas mais populares da EDM a nível mundial, e um disruptivo criador de tendências para muitos.

Cada um dos seus singles invadiu o top 5 do Beatport e obteve a posição número 1 em diversos tops dos mais diversos géneros musicais.

Depois da admirável edição de 2017, o festival Dancefloor, organizado a partir de Paris pela 2Mevent de Tiago Martins, chega à sua quarta edição prometendo «o melhor cartaz de música eletrónica do país, com o objetivo de colocar Portugal no circuito internacional de festivais de música eletrónica».

«Ensemble Barbara Furtuna - Voix Corses» atuou em Beja para homenagear Michel Giacometti

No sábado passado, em Beja, o «mais destacado ensemble corso da atualidade», o Barbara Furtuna - Voix Corses, atuou no Festival Terras Sem Sombra, dedicado à memória do etnomusicólogo Michel Giacometti. O concerto chamou-se «O Canto na Ilha da Liberdade: Vozes Corsas» e teve lugar na igreja do Convento de São Francisco, em Beja.

➔ Radicada em Miribel, na região de Lyon

Eve Savannah, a cantora lusodescendente que se inspirou de Piaf, Amália e Linda de Suza

Por Jorge Campos

Sandra do Couto, aliás Eve Savannah, nasceu em Lyon no início dos anos noventa. É lusodescendente e reside em Miribel (69), nos arredores de Lyon. Muito jovem descobriu o amor pela música. Frequentou escolas de piano e o Conservatório de Música de Lyon. Os pais de Sandra do Couto vieram da Póvoa de Lanhoso, perto de Braga, nos anos 70, com o objetivo de se fixarem nesta região, durante a vaga de emigração que trouxe milhares de portugueses para França.

Eve Savannah - o nome artístico que adotou - é autora e compositora. «Faço os meus arranjos ao piano e com o Thomas Delarceu, que também é músico, finalizamos as criações».

«O que me fascinou na música - e desde aí passou a ser como uma segunda natureza para mim - foi ouvir cantar Piaf, Amália Rodrigues e Linda de Suza naquela época, elas despertaram em mim este desejo de cantar e de criar canções» contou ao LusoJornal. «O meu estilo é o romantismo, mas também viajo muito no 'Glamour'. As minhas criações também falam de fé e de amor» confessou Eve



Savannah. «Eu comecei verdadeiramente a cantar em festas de família e em outras ocasiões, quando tinha ape-

nas oito anos de idade».

Eve Savannah já participou em programas de televisão em Portugal - na

RTP1 e no Porto Porto - e na TLM em Lyon, mas assume que não vive só da música. «Tenho três filhos e a minha verdadeira profissão é contabilista. Mas a maior parte do meu tempo é para cantar e fazer espetáculos».

A cantora lusodescendente já escreveu e compôs cerca de 25 temas e editou um CD com doze canções, ao qual chamou «Glamorosa», que em breve estará à venda nas bancas.

Na região de Lyon e no estrangeiro, Eve Savannah foi convidada para cantar em salas de espetáculos e em Pianos-Bar a partir dos 15 anos de idade e afirma que foi sempre muito aplaudida pelo público que rapidamente captou e fidelizou.

No início retomava canções de outros artistas, mas pouco a pouco optou mais pelo seu registo pessoal. São canções escritas em português ou em francês, duas línguas que domina totalmente, com um «lindo pequeno sotaque» quando canta em português, que não deixa o público indiferente ao charme.

A artista tem uma página nas redes sociais - Savannah Eve - onde vai divulgando canções, contactos e agenda de concertos.

Projeto Portugal Maior vai inventariar músicos e associações portuguesas no estrangeiro

Um inventário dos músicos profissionais portugueses e dos grupos e associações culturais com dimensão musical com atividade regular no estrangeiro junto das Comunidades portuguesas vai ser realizado no âmbito do projeto Portugal Maior.

De acordo com uma resolução do Conselho de Ministros, publicada ontem em Diário da República, foi criada uma estrutura de missão para o Projeto Meridiano, nome entretanto alterado para Portugal Maior, para «conceber e testar o uso das novas tecnologias e plataformas de informação e comunicação para divulgar as criações, na diplomacia pública e na ação cultural externa».

Esta estrutura de missão vai ser coordenada pelo músico e compositor João Gil, que avançou à Lusa a mudança do nome do projeto de Meridiano para Portugal Maior.

O projeto pretende responder à necessidade de «definir e pôr em prática novos modos de ligação dos criadores e intérpretes que se exprimem em português, entre si e com os diversos públicos que constituem ou podem constituir a sua procura». «Precisamos de usar melhor o ativo que eles representam para a afirmação internacional de Portugal e a divulgação da sua marca e do seu valor acrescentado para o mundo de hoje», lê-se no texto da resolução.

Na dependência do Ministro dos Negócios Estrangeiros, a estrutura de missão para o projeto Portugal Maior pretende, entre outros objetivos, «contribuir para o conhecimento, a salvaguarda e a divulgação do património e da criação musical portuguesa, na pluralidade das suas expressões».

Além de um inventário dos músicos profissionais portugueses e dos grupos e associações culturais com dimensão musical que tenham atividade regular no estrangeiro e, em particular, junto das Comunidades portuguesas, será criada e gerida «uma plataforma digital».

Esta plataforma deverá preservar e

divulgar, incluindo através da constituição de uma rádio online, esse inventário e facilitar a «comunicação e cooperação entre os músicos e grupos inventariados, assim promovendo o seu trabalho em rede e a sua projeção nacional e internacional».

O projeto vai ainda apoiar a organização e realização de digressões, residências artísticas, espetáculos e outras formas de apresentação pública de tais músicos e grupos, assim permitindo a obtenção de ganhos de escala na promoção das formas e agentes musicais da Diáspora portuguesa.

O mandato da estrutura agora criada termina no final de 2020.

Bruno Brazete da Ópera Paris Bastille assinalou 44º anos do 25 de Abril na Guarda

A Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (BMEL), da Guarda, comemorou o 44º aniversário do 25 de Abril de 1974 com iniciativas que visam «refletir sobre a evolução ou transformação» que o acontecimento provocou em vários âmbitos. A BMEL associou-se à efeméride «através de um conjunto de iniciativas, nomeadamente exposições, uma conferência, uma tertúlia e outras manifestações artísticas que visam refletir sobre a evolução ou transformação que este acontecimento provocou na literatura, nos meios de comunicação, nas artes e na sociedade».

As iniciativas dedicadas ao 25 de

Abril terminaram na semana passada, no dia 27, com o espetáculo de dança contemporânea «Projeto 44. Por Abril», interpretado por Bruno Brazete. «O corpo e o movimento, suportado em imagens manipuladas, são o canal de comunicação que o performer Bruno Brazete utiliza para criar um processo de ligação entre arte, democracia e liberdade», refere o município da Guarda.

Bruno Brazete integra desde 2013 a Ópera nacional de Paris-Bastille, trabalhando em produções como «Gioconda», «Enlevement au Serrail», «Samson et Dalila», entre muitas outras, segundo a fonte.



➔ À Seclin

Exposition sur l'histoire du fado et un jumelage en vue?

Par António Marrucho

Le Fado, patrimoine immatériel de l'humanité s'expose à Seclin à l'initiative de l'Association Ibérica, Centre Culturel Ibérique des Hauts de France, sous l'impulsion de son Président fondateur, David Vasconcelos.

Exposition qui se veut, aussi, comme une étape marquante des 10 ans de l'Association Ibérica - déjà 10 ans! - 10 ans de promotion de la culture Ibérique, entre le Portugal et l'Espagne. Conviés par le Maire de Seclin, Bernard Debreu et l'Adjoint à la Culture, Didier Serrurier, le vernissage de l'exposition a eu lieu vendredi dernier, le 4 mai, à 19h00 à l'hôtel de ville, rue Roger-Bouvry.

Cette exposition, qui d'une certaine façon prend la relève des expositions qui terminent sur le Centenaire de la Bataille de La Lys, sera visible dans le hall de la Mairie jusqu'au 26 mai.

En partenariat avec le Centre Culturel Camões qui a prêté l'exposition, voilà une belle manière de faire connaître cet art bien portugais.

Le Fado, le chant de la «saudade», sentiment bien portugais. Ce bien culturel... bien portugais qui de plus en plus s'expose, s'exporte avec des so-



LusoJornal / Luís Gonçalves

norités qui ont tendance à évoluer, mélangeant parfois un peu du jazz, de la musique brésilienne, africaine, du folklore traditionnel portugais... Il n'y a pas un Fado, mais des Fados.

Les différents tableaux de l'exposition tracent l'histoire du Fado, de la censure qu'il a souffert sous la dictature, évoquent quelques personnages marquants dans l'histoire passée et actuelle du Fado.

Pendant l'inauguration, ont pris la parole le Maire de Seclin, l'Adjoint délégué à la Culture et le Président d'Ibérica.

Il a été question de la liaison entre le Portugal et Seclin, avec la présence dès les années 70 d'immigrés venus notamment de l'île de Madeira. L'Adjoint à la Culture, Didier Serrurier, a évoqué l'idée d'un jumelage avec une ville du Portugal.

En conversation le Maire, il nous indique que Seclin a des jumelages avec 3 villes européennes et une en Afrique et que pour l'instant beaucoup de choses sont «au point mort». Pour que des échanges se fassent et qu'elles soient profitables, il faut avoir des partenaires dynamiques et il faut par ail-

leurs pouvoir intéresser les jeunes, selon le Maire.

Sur le même thème, le Consul Honoraire du Portugal, Bruno Cavaco, ajoute que «le jumelage, il ne faut plus le voir comme dans le passé, mais plutôt comme un moyen d'échanger des expériences aux niveaux économiques en créant une dynamique entre des acteurs d'ici et de là-bas».

Autre thème abordé par David Vasconcelos: le nerf de la guerre, le nerf de la promotion de la culture, l'économique.

Pour faire et promouvoir la culture, il

faut «des sous», car généralement, à première vue, la culture n'est pas économiquement rentable. «Où aller chercher ces sous?»

Difficiles d'en avoir. Les agents économiques, les Mairies, mettent bien d'autres priorités en avant.

Promouvoir la culture, faire de la culture, est souvent un parcours du combattant. Ibérica et David Vasconcelos donnent l'exemple en organisant tous les ans, des expositions, des soirées de musique d'Espagne et du Portugal, en organisant des cours...

Le manque de moyens, le type d'activités pratiquées, le manque de bénévolat fait que des 100 associations portugaises existant dans la région, nombreuses ont disparues et d'autres sont en passe de disparaître.

Pour colmater cela et donner une nouvelle vigueur, voir une nouvelle orientation, David Vasconcelos a annoncé la création d'une structure sur Lille pour fédérer et organiser la promotion de la culture lusitanienne dans la région Haute de France.

Ibérica organisera une exposition sur l'Espagne en septembre et les 4èmes rencontres Ibériques auront lieu début novembre.

Manifestations à suivre!

Hommage au père d'Altina Ribeiro: débat émouvant sur l'immigration à Champigny

«L'immigré inconnu», l'hommage rendu samedi 28 avril au père d'Altina Ribeiro, a fait salle comble au restaurant «Canto das Saudades» à Champigny-sur-Marne (94).

Après avoir accueilli une centaine de personnes, les maîtres des lieux, se sont vus contraints de refuser du monde. L'événement a été organisé par la SALF (Société des Auteurs Lusophones de France), dont l'auteur est membre co-fondatrice, en collaboration avec l'association «Mémoire Vive», le soutien du CIC Iberbanco et la présence de Christian Fautré, nouveau Maire de Champigny-sur-Marne, son collaborateur, François Marazanof, mais aussi Anne Dous-



Rose Nunes

● PUB

sin, Conseillère municipale chargée des questions de la paix, Corinne Micheneau, Conseillère municipale et Jean-Jacques Guignard, Maire adjoint chargé des projets de rénovation urbaine et Laurent Jeanne, Conseiller régional.

Les élus ont été honorés de participer à cette soirée. Le Maire a salué l'initiative d'un tel événement et a exprimé le souhait de soutenir les membres de SALF lors de prochaines rencontres qu'il a vivement encouragées.

Les personnes présentes ont pu assister à la projection du film de José Vieira «Les émigrés», tourné en 2006, à São Vicente da Raia, au nord-est du Portugal, dont les parents d'Altina Ribeiro sont les principaux protagonistes.

Le film a amusé mais surtout ému les spectateurs qui ont pu échanger avec José Vieira et Altina Ribeiro à l'issue de la projection. Le débat s'est révélé passionnant car l'immigration est un sujet sensible et la façon de l'aborder est très différente en fonction de la perception de chacun.

L'émotion était palpable dans la salle car beaucoup d'hommes et de femmes ont retrouvé une partie de leur histoire dans ce documentaire touchant et fort. Les représentants de la mairie ont également été touchés par le film et les personnages tous plus attachants les uns que les autres. Le Maire de Champigny et ses Adjoints ont participé activement au débat et ont été très satisfaits de cette soirée qu'ils ont accompagnée du début jusqu'à la fin.

Après le débat, les quatre auteurs présents de la SALF - Inês Oliveira, Ana Fernandes, Manuel do Nasci-

mento et Altina Ribeiro - ont présenté et dédié leurs ouvrages.

À l'issue du repas, la soirée a été clôturée par un concert de Dan Inger dos Santos, accompagné de son fidèle guitariste Red Mitchell et du multi-instrumentaliste Jean-Luc Pani, une occasion de découvrir son nouvel album.

Pour fêter cette compilation 20 ans, Altina Ribeiro et le musicien ont co-écrit sa biographie «Trois notes de blues pour un fado», que les auteurs ont pu dédicacer lors de cette soirée. Dominique Adenot, ancien Maire de Champigny-sur-Marne, avait participé à une soirée organisée par SALF en 2012 sur le thème du bidonville de Champigny. Il avait exprimé le souhait de participer à ce nouvel événement. Il avait précisé à Altina Ribeiro lors de plusieurs échanges avec l'auteur, mi-mars: «J'avais grandement apprécié la qualité de la soirée de 2012, ses contenus et témoignages pleins de sens humain précis sur la France de l'époque et les 'ambiguïtés' de son accueil. Je serais très content de participer à cette nouvelle rencontre si ma santé du jour me le permet. L'initiative que vous prenez a tout mon soutien et plusieurs autres membres de la municipalité seraient également honorés d'y participer. En prenant bien en compte le fait que c'est un hommage à votre père, la ville trouvera les formes à votre gré pour valoriser sa reconnaissante».

«Malheureusement, la maladie a eu raison de lui et il nous a quittés le 5 avril dernier» dit Altina Ribeiro au LusoJornal. «Nous avons eu une pensée toute particulière pour lui ce 28 avril au Canto das Saudades».

FUNERÁRIAS FERNANDO ALVES



Uma casa funerária familiar com raízes fundas na comunidade

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

- 4 agências funerárias ao seu dispôr em Paris e região parisiense
- Paris, Arredores, Província, estrangeiro
- Tratamento da documentação
- Facilidades de pagamento

Nós temos sido escolhidos por famílias que têm morado cá durante gerações - pessoas como você que têm vindo a conhecer e a confiar em nós ao longo dos anos. Os nossos funcionários tratam de si como se fossem familiares. Nós compreendemos a sua devoção à igreja católica e estamos prontos a ajudar na preparação de uma missa para celebrar a sua fé na vida eterna. As nossas raízes continuam aqui nesta comunidade e nós continuaremos a ser "... "a nossa família a tomar conta da sua".

24 h / 24 h
Tel. : 01 46 36 39 31
Fax : 01 46 36 97 46
Port. : 06 07 78 72 78
www.alvesefg.com
alves7@wanadoo.fr

18, rue Belgrand - 75020 Paris
(Métro Gambetta - sortie Porte de Bagnole)
(Face Hôpital Tenon)

Dijon: A ULFE organiza a 21ª Semana Cultural Portuguesa

De 19 a 27 de maio, a União Luso-Francesa-Europeia (ULFE) de Dijon, organiza na sua «Casa de Portugal», a 21ª edição da Semana Cultural Portuguesa que tem lugar todos os anos. Este evento, que vai contar com a presença de várias personalidades (governamentais, consulares, regionais e associativas), visa promover a cultura e a gastronomia portuguesa junto dos «dijonnais».

Exposições, noites de fado e festival folclórico, tendo o bacalhau como rei da mesa.

O convidado de honra do festival folclórico, que encerrará esta Semana Cultural, vem de Portugal e é o Rancho Folclórico de Baião.

32º Festival de folclore português em Bourgoin-Jallieu

Por Manuel Lopes

No passado sábado, dia 28 de abril, a Associação Folclórica Portuguesa «Estrelas Douradas» de Bourgoin-Jallieu (38) organizou o seu 32º Festival folclórico, para celebrar também o seu 32º aniversário e contou com a participação de grupos oriundos de diferentes regiões, como Rosas da Primavera de Rives, Verde Minho de Ternay, Províncias de Portugal de Brignais, Alegria do Minho de Tullins, Juventude Alto Minho de St. Priest, Associação de Rillieux-la-Pape, além da atuação do grupo organizador.

Centenas de espetadores encheram a sala polivalente de Bourgoin-Jallieu numa grande manifestação da cultura popular portuguesa, numa festa que começou pelas 14h00 e que pelo serão foi animada por Mário Amaral.

Ao final do dia, e perante a ausência forçada do Presidente da Direção, Adolfo do Vale, foi a Vice-Presidente Christine que mostrava a sua grande satisfação pelo forma ordenada como tinham decorrido as atividades, salientando a grande entrega de toda a equipa de voluntários que permitiram proporcionar este dia à Comunidade portuguesa.

Evidenciou igualmente a presença de ilustres convidados que abrihantaram a festa, como a equipa da Rádio Já que efetuou a apresentação do evento, do representante das Comunidades Manuel Cardia Lima e do Banco Santander Totta que se fez representar pelo Diretor Comercial Internacional, António Silva, que tendo-se deslocado desde Lisboa para visitar o Escritório de Representação em Lyon, não prescindiu de marcar presença neste evento e junto desta Comunidade.

➔ Associação portuguesa Colombe de la Paix

Jantar dos Sócios na associação de Bron



Por Jorge Campos

A associação portuguesa «Colombe de la Paix» de Bron (69), nos arredores de Lyon, organizou um «jantar de sócios» no sábado dia 21 de abril, nas salas da sede daquela coletividade, animado pelo espetáculo do ilusionista «Fakir Kirokaia».

Da ementa destaca-se a Feijoada à moda do Porto, que agradou à centena de pessoas que partilhou o jantar.

«Tínhamos este jantar agendado já há muito tempo, mas não sabíamos qual seria a animação e finalmente escolhemos este artista de circo. O público presente ficou muito contente» confirmou Isolina Santos.

Isolina Santos é Secretária da Direção e disse ao LusoJornal que o Festival de folclore da associação está previsto para o sábado, dia 7 de julho. «Já temos tudo preparado, com oito grupos de folclore, e participará também um grupo que virá da Suíça».

O grupo de folclore da associação chama-se «Flores de Portugal» e os dois responsáveis por esta atividade são Jorge Santos e Joaquim Corvas. O grupo ensaia todos os sábados à noite, a partir das 21h00 «até ficarmos cansados», garante Isolina Santos.

No sábado passado o grupo não ensaiou para poder participar no jantar de confraternização com os sócios da associação. Mas em maio tem uma

saída agendada a Loreto Del Mar, de autocarro. «Seremos cinquenta pessoas» explicou Isolina Santos ao LusoJornal.

O Presidente da Direção é Paulo da Silva, o Vice Presidente é Alberto Moreira, a Secretária é Isolina Santos, o Vice Secretário é Francisco Moço, a Tesoureira é Sandra Alves e o Vice Tesoureiro é Paulo de Macedo.

«Fakir Kirokaia», o artista de circo que animou a noite, chama-se Ricardo Caster e é o proprietário do Ricardo Circus, em Guimarães, com capacidade para 400 pessoas. O circo tem estado inativo porque «metade do material está alugado, pois a crise não permitia o seu funcionamento».

«Não podia continuar porque as recei-

tas não cobriam as despesas, e também porque não havia apoios. Então decidi fazer espetáculos pela Europa fora e hoje resido em Vallon, na França. Faço espetáculos de ilusionismo na Europa, quando sou solicitado, mas também tenho outra profissão, na construção, o que me permite de viver melhor» contou ao LusoJornal. «Tive todo o prazer de vir aqui a Bron. As pessoas foram muito simpáticas e tive um bom público». Bron faz parte do grande Lyon e situa-se a este da cidade, onde desde os anos sessenta a Comunidade portuguesa - hoje muito numerosa - se fixou. Esta associação é uma das primeiras a ser fundada na região de Lyon.

Futsal: le Sporting Club de Paris participera aux play-offs

Par RDAN

Roubaix AFS 0-7 Sporting Club de Paris

Buteurs du Sporting Club de Paris: Camara (x2), Tchapchet, Chaulet, Mayulu, Mebille et Makiadi

Dimanche dernier, le 06 mai, le Sporting Club de Paris se déplaçait à Roubaix dans l'espoir d'assurer définitivement sa 4ème place synonyme de participation aux play-off. Pour cette rencontre disputée au vélodrome Stablinski de Roubaix, les 2 équipes étaient privées chacune de leur joueur emblématique: Haroun (suspendu) côté roubaisien et Teixeira, côté parisien.

Pour les spectateurs présents, ce match ne figurera probablement pas au panthéon des matchs intenses et spectaculaires de cette saison. La faute à une rencontre disputée au petit trot et dans une ambiance feutrée (la salle certes jolie n'est pas vraiment adaptée au futsal, car la piste de cyclisme éloigne trop le public du terrain).

Face à une équipe diminuée, les Parisiens ont toutefois assuré l'essentiel



en remportant aisément cette rencontre 7 buts à 0.

La première mi-temps fut la plus équilibrée de ce match. Un tir lointain

de Tchapchet à la 9ème minute et un second but de Chaulet (16 min) sur une mauvaise relance du gardien, permirent néanmoins aux Parisiens de

mener 2-0 à la mi-temps.

A noter que les Roubaisiens ont touché par 2 fois les poteaux du but gardé par Pichard.

La seconde période fut plus nettement à l'avantage du Sporting Club de Paris qui domina les débats en inscrivant 5 nouveaux buts par Camara (22 et 29 min), Mayulu (24 min), Mebille (32 min) et le jeune Robi Makiadi (36 min).

Cette victoire signe la qualification du Sporting Club de Paris aux play-offs. Dans le vestiaire, la joie était indescriptible et la communion avec les jeunes U9 / U11 et U15 Parisiens (gentiment invités par Djamel Haroun à venir disputer des rencontres contre des équipes locales) était belle à voir.

Pour sa première saison sur le banc parisien, l'entraîneur Juanito a magnifiquement réussi à qualifier cette équipe en reconstruction dans le dernier carré. Il reste maintenant 2 matchs pour aller reconquérir le titre de Champion de France.

Samedi prochain, place à la dernière journée de Championnat, qui verra s'affronter le Sporting Club de Paris et Béthune pour un match sans enjeu, et qui désignera l'adversaire des Parisiens pour la demi-finale des play-offs du 26 mai prochain: le Kremlin Bicêtre ou Toulon.

➔ Pinto da Costa destacou “trabalho notável”

Sérgio Conceição saiu do Nantes para ser Campeão com o FC Porto

Sérgio Conceição dedicou o seu primeiro título de Campeão na carreira aos seus pais, falecidos, distribuindo os méritos com os futebolistas, o staff do clube e o presidente Pinto da Costa. «Na minha apresentação tinha dito que no fim desta época iria agradecer a duas pessoas que iriam estar muito contentes, que são os meus pais [falecidos]. Para eles este título», disse, emocionado, em curta conversa com os jornalistas, interrompida pelo entusiasmo dos festejos.

O FC Porto sagrou-se Campeão português de futebol pela 28ª vez, ao beneficiar do empate a zero entre o Sporting e Benfica, em jogo da 33ª e penúltima jornada da I Liga, e depois ao bater, em casa, o Feirense. Na luta pela segunda lugar e com um encontro por jogar, o Sporting, que dá acesso à pré-eliminatória da Liga dos Campeões, passou a ter vantagem no confronto direto em relação ao Benfica.

Sérgio Conceição escusou-se a assumir o protagonismo do êxito, partilhando-o com todos: «Não sou o Treinador, somos mais do que os cinco da equipa técnica, é o departamento médico e toda a estrutura. Merecem e estão de parabéns. Uma



Lusa / Homem de Gouveia

palavra para o Presidente que me deu a oportunidade de trabalhar num clube que me diz muito e estou muito feliz por isso».

O Treinador agradeceu à esposa e filhos que consigo «sofreram» - «não é fácil levar um barco destes para a frente, sendo exigente comigo próprio e com os seus» - num ano que classificou de «fabuloso».

«Há muita gente atrás deste título, sou apenas a pessoa, o líder que dá a cara, mas muita gente está de parabéns. O principal responsável do êxito é o FC Porto», reforçou.

Sérgio Conceição revelou que já teve a «oportunidade de agradecer aos jogadores, incansáveis esta época, sob uma liderança muito exigente, muito rigorosa».

«Tiveram grande capacidade de trabalho, grande humildade e reconheceram que tinham de trabalhar muito para sermos felizes. Foram os verdadeiros obreiros. Tal como [os Adjuntos] o Vítor Bruno, o Siramana Dembélé, o Diamantino Figueiredo, o Eduardo Oliveira, toda a estrutura. E o nosso presente que foi muito importante», concluiu.

Pinto da Costa destaca

«trabalho notável»

O Presidente do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa, destacou o «trabalho notável» de Sérgio Conceição na obtenção do título de Campeão de futebol, alcançado «contra muita gente».

Pinto da Costa agradeceu a todos os que tornaram possível ao fim de 36 anos na presidência do clube pudesse festejar mais um título, em especial equipa técnica, dirigentes, jogadores, sócios, adeptos, claques e simpatizantes. «O momento H para o arranque da nossa vitória, desta conquista, foi a assinatura do contrato de Sérgio Conceição como treinador desta equipa de futebol», disse Pinto da Costa, em conversa telefónica ao canal televisivo oficial 'azul e branco'.

O Presidente disse que sempre acreditou que Sérgio Conceição havia de levar o clube à reconquista do título que fugia há quatro épocas e considerou que o treinador foi «o grande vencedor e o principal impulsionador deste mar azul».

A aposta ganha de Sérgio Conceição

Sérgio Conceição assumiu há um ano uma aposta pessoal muito forte, ao sair do Nantes para ir treinar a equipa de futebol do FC Porto, o que implicava perder dinheiro e arriscar a boa imagem deixada em França.

Mas ganhou, e aos 43 anos projetase como um técnico francamente cobiçado por grandes emblemas da Europa, ao mesmo tempo que é já um dos símbolos dos «dragões» - é o terceiro português a sagrar-se Campeão como jogador e treinador no clube, sucedendo a nomes tão ilustres como José Maria Pedroto e António Oliveira e Augusto Inácio [que substituiu interinamente Bobby Robson].

Em França, deixou o Nantes no sétimo lugar, magnífico para as ambições do clube, e prescindiu de quatro milhões de euros por ano, para ir para o clube do coração por um pouco menos de metade, mais prémio por objetivos. Agora, recebe mais um milhão e vê o seu nome entrar nas listas de prováveis de clubes como o Inter Milão.

FC Porto Campeão: Adeptos nos Champs Elysées

Alguns adeptos com bandeiras e cachecóis azuis e brancos foram até à Avenida dos Campos Elísios, em Paris, para festejar o título de Campeão português de futebol do FC Porto, no domingo à noite.

Eram «poucos mas bons», repetiram os cerca de 20 Portugueses com cachecóis e bandeiras do FC Porto, reunidos perto do Arco do Triunfo, depois de terem deixado o café onde viram o jogo contra o Feirense e de terem percorrido algumas ruas de Paris a buzinar e a entoar alguns cânticos.

A noite começou no café «Le Petit Marquis», no 17º bairro da capital francesa, onde o grupo se juntou para

ver o jogo em que os «dragões» ergueram o troféu de campeões da edição 2017/18 da I Liga.

Ainda que o Campeonato tenha ficado decidido no sábado, com o empate entre o Sporting e o Benfica, estes adeptos preferiram festejar no domingo, dia do «título justo», explicou Otílio Sousa, a viver em França há 23 anos.

«Para mim, o título ontem [sábado] foi oferecido, o título justo é hoje [domingo]. Sabe melhor hoje. A festa é nos Champs Elysées que é onde todos se encontram, é a Avenida dos Aliados», afirmou, a sorrir, o português de 44 anos.



Carina Branco

«Poucos mas bons» foi também a frase escolhida por André Peixoto, de 19 anos, para descrever o pequeno grupo, acrescentando que a celebração é nos Campos Elísios porque é «o salão de festas» para onde foi quando Portugal foi Campeão europeu de futebol.

Vestido a rigor e com uma moto decorada com dois cachecóis e uma bandeira do FCP, Fábio Moutinho, de 30 anos, também foi para a Avenida dos Campos Elísios «para fazer a festa» já que não se pode juntar à festa no Porto, onde nasceu e que trocou por França há seis anos.

Também Pedro Feijó, que nasceu «à beira do Estádio do Dragão» há 40 anos, escolheu ir festejar o título junto ao Arco do Triunfo onde celebrou o triunfo da Seleção no Euro2016. «Sou portista de raça. Este Campeonato era merecido para nós. Gostava mais de estar no Porto, mas como não posso, vamos fazer a festa aqui em Paris», afirmou o português de 40 anos.

André Esteves nasceu em Paris, há 20 anos, e ainda que o clube francês que apoie seja o Paris Saint Germain, o seu clube de sempre é o FC Porto e só se desloca aos Campos Elísios para festejar o título dos «dragões» e não o faz para celebrar os títulos do PSG.

Questionado porque decidiu festejar no domingo, e não no sábado, o lusodescendente justificou que «hoje é que era o dia do jogo do Porto», no qual recebeu o troféu no Estádio do Dragão, pelo que não ia «estar à espera que o Benfica empatasse com o Sporting, estava à espera que o Porto ganhasse em casa».

lusojornal.com

Livra-vos do mal
que vos fizeram



Dona Isabel

Pura Vidente Portuguesa - 35 anos de experiência

DONS HEREDITÁRIOS

Trata vários casos: Bruxaria, Inveja, Bloqueio, ajuda na saúde, amor etc.
EU TENHO O DOM DE DESTRUIR O MAL QUE LHE FIZERAM

**Dona Isabel faz rezas
na sua presença
contra a magia negra
e problemas pessoais**

RESPONDE PESSOALMENTE A TODOS OS PEDIDOS

PARIS 17, proche Gare St-Lazare (M° Gare St Lazare)
VIRY-CHATILLON (91) 148, av. Général de Gaulle N. 7 (09h/20h)

01 69 05 35 27 ou 06 65 44 29 07

GRAND
VOYANT

**MONSIEUR
BARAKAMA**

MARABOUT
MEDIUM

Aux dons héréditaires de père en fils, il est capable de transformer votre vie dans le bon sens! Chance, amour, fidélité entre 2 personnes, retour imminent de l'être aimé, désenvoûtement et protection définitive.

Travail sérieux et efficace, résultat surprenant et garanti dans la semaine, **discretion assurée! Déplacement possible** et reçoit sur **RDV de 08h à 21h.**

Tél.: 06 20 91 93 46

IYÁ LILA DE YEMANJA

Mãe Lila Yemanja trabalha com buzios, tarot, trabalhos espirituais, abertura de caminhos, limpezas, sorte, saúde,...

**Medium vidente contém
o dom da revelação**

Contacto em Portugal: +351.915.461.370
Contacto em Paris: 07.67.60.78.10



PORTUGAL

18 | 19 | 20 MAI

7^e EDITION

ENTRÉE GRATUITE

PARIS PORTE DE VERSAILLES

SALON DE L'IMMOBILIER ET DU TOURISME

INVESTISSEMENT 

RETRAITE 

TOURISME 

GASTRONOMIE 

INNOVATION 



INSCRIPTIONS EXPOSANTS ET VISITEURS : sipp.ccifp.fr

© Fotolia

l'autreagence